

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Propriedade do Partido Comunista Português

Dir./Red. - R. Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390

Composição e Impressão - Heska Portuguesa

COMÍCIO

sábado, 15 h.

Campo Pequeno

intervenção de Álvaro Cunhal

O significado do 60.º aniversário do PCP transcende as fronteiras políticas do Partido e diz respeito a todo o povo trabalhador, a todos os portugueses progressistas e patriotas.

Hoje, como ao longo de toda a sua história, o PCP existe, vive, actua para servir os trabalhadores, o Povo e o País. Não tem interesses diferentes dos interesses da classe operária, da plena emancipação social e nacional. A sua acção é no interesse de todos os que desejam que Portugal prossiga no caminho da liberdade, da democracia, do progresso, da independência nacional, aberto pela Revolução de Abril.

O PCP foi, é e será o Partido da verdade, da esperança e do futuro. A resistência, a revolução, a vida demonstraram que os interesses do povo trabalhador, as liberdades, o progresso e a independência nacional se defendem e constroem, não contra os trabalhadores e o PCP, mas somente com os trabalhadores e com o PCP.

Fortes do seu passado, seguros do seu presente, os comunistas portugueses voltam-se para o futuro, com inabalável confiança nas energias revolucionárias das massas, nas capacidades criadoras dos homens, das mulheres e dos jovens do nosso Povo, no Portugal socialista e comunista de amanhã.

Da Resolução do Comité Central
sobre o 60.º aniversário do PCP
14 de Fevereiro de 1981

Saudações

ao PCP
de Partidos irmãos
pag.5

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O «Avante!» publica hoje o primeiro de uma série de sete suplementos comemorativos do 60.º aniversário do PCP. Este primeiro número inclui uma cronologia do período da vida nacional que corresponde aos sessenta anos de luta que agora se completam: os números seguintes (que acompanharão as edições do «Avante!» de 2 de Abril, 7 de Maio, 4 de Junho, 2 de Julho, 6 de Agosto e 3 de Setembro) serão dedicados à história e actividade do Partido desde a sua fundação até hoje. No seu conjunto, mais de meia centena de páginas de documentos, estudos, relatos e depoimentos. Na Festa do «Avante!», em Setembro, será lançada uma capa para a colecção dos suplementos com uma gravura de Gil Teixeira Lopes.

Ano 50 • Série VII • N.º 373 • 5 de Março de 1981 • Preço 15\$00 • Semanário • distribuição - CDL, R. Pedro Nunes, 1000 LISBOA

60 anos de luta ao serviço do Povo e da Pátria



PCP • 1921 • 1981

SEMANA Nacional

25 Quarta-feira

A imprensa noticia que ontem, na presença de uma força da GNR, representantes do tribunal do concelho de Avis restituíram à UCP «1.º de Maio» a Herdade do Painho, que o MAP lhe roubara o ano passado; desde a entrega da reserva ilegal, em Janeiro de 1980, a herdade esteve ao abandono, sem qualquer produção, mas poucos minutos após a restituição já os trabalhadores tomavam decisões sobre o aproveitamento a dar àquelas centenas de hectares. Os sindicatos agrupados na Frente Comum da Função Pública exigem do Governo a apresentação de uma contraproposta global às reivindicações que fazem para a actualização das condições de vida dos cerca de 400 mil trabalhadores do sector. A Associação 25 de Abril, órgão associativo constituído por portugueses na República Popular de Angola, manifesta a mais viva indignação pela decisão da actual comissão organizadora do «Congresso das Comunidades Portuguesas» de realizar na cidade de Joanesburgo, a capital do regime racista da África do Sul, o congresso regional de África, em 11 e 12 de Abril próximo.

26 Quinta-feira

O general Oliveira Rodrigues, que comandava a Região Militar de Lisboa, substituiu o general Galvão de Figueiredo no cargo de presidente do Supremo Tribunal Militar. A comissão promotora do 6.º aniversário das nacionalizações da Banca e dos Seguros anuncia em conferência de imprensa a realização de iniciativas que visam sensibilizar a opinião pública para a necessidade de travar os ataques dirigidos a estes sectores; a comissão confirmou ainda, publicamente, o envolvimento da Banca nacionalizada em operações internacionais de financiamento à Junta fascista de Pinochet que oprime o povo chileno. O secretário-geral da chamada «UGT» pede a sua suspensão de membro das comissões Nacional e Directiva do Partido Socialista, após Marcelo Curto, também dirigente do PS, o ter acusado de estar «ao lado dos interesses capitalistas e escuros», tendo ainda ameaçado este último com procedimento judicial. O Conselho Nacional do Plano (CNP) aprova um parecer sobre as Grandes Opções do Plano a Médio Prazo e do Plano Anual, onde considera não lhe ser possível emitir apreciações em profundidade sobre os dois textos, visto os mesmos terem sido apresentados para análise conjunta num curto espaço de tempo.

27 Sexta-feira

É anunciado na imprensa que o MAP expulsou no início da semana passada 18 soneiros das terras que lhes distribuiu há cerca de três anos, na Herdade de Gasparões, em Ferreira do Alentejo, determinando a sua «devolução» ao agrário Armando Pinto. Uma conferência dos presidentes dos Grupos Parlamentares decide que o debate do Plano e do Orçamento Geral do Estado decorrerá na Assembleia da República de 17 a 20 de Março. O ministro para a Integração Europeia, Alvaro Barreto, afirma à Anop que considera neste momento «extremamente difícil conseguir a adesão de Portugal à CEE em 1983». A lista de unidade de esquerda (JCP, JS e UEDS) vence as eleições para a Assembleia de Representantes da Faculdade de Letras de Lisboa.

28 Sábado

A CGTP-IN considera demagógica a proposta apresentada pela «UGT» relativa às comemorações do 1.º de Maio deste ano, considerando nomeadamente ser inviável qualquer comemoração conjunta pois enquanto a CGTP-IN sempre lutou pela unidade e defesa dos interesses dos trabalhadores, a «UGT» trabalha no divisionismo e no enfraquecimento do movimento sindical, sublinhando contudo que as comissões organizadoras das comemorações têm estado sempre abertas aos sindicatos verdadeiramente representativos, estejam ou não filiados na CGTP-IN. Lanchas-patrolhas espanholas apresam quatro barcos de pesca portugueses, um deles regressado da faina na Mauritània com pescado no valor de cinco mil contos e que ameaça deteriorar-se. Seis voos da TAP-Air Portugal são cancelados devido à greve dos técnicos de manutenção da empresa filiados no sindicato amarelo «Sitema»; esta greve, que não mobilizou todos os trabalhadores do sector, tem apenas prejudicado alguns voos. Doze Associações de Moradores do Porto denunciaram em comunicado a incompetência da Câmara Municipal do Porto, que tem acarretado enormes prejuízos e dificuldades às populações, sobretudo no que se refere à habitação.

29 Domingo

Festeja-se o Carnaval um pouco por todo o país, com a especial animação dos «corsos» realizados em diversas cidades e vilas. O secretário-geral do PCP, Alvaro Cunhal, chega a Lisboa vindo de Moscovo, onde assistiu, à frente de uma delegação do Partido, aos trabalhos do XXVI Congresso do PCUS. Filinto Barros, embaixador da Guiné-Bissau em Portugal, deixa o cargo e parte para Bissau para ocupar a pasta da Informação e Cultura; à partida o diplomata considerou que, em termos gerais, o balanço da cooperação entre a Guiné-Bissau e Portugal é francamente positivo, embora pudesse ter-se desenvolvido mais.

2 Segunda-feira

É assinado na respectiva Secretaria de Estado em Lisboa, um acordo de pescas luso-espanhol válido por quatro meses; trata-se de um acordo transitório, com cedências de ambas as partes e que dará tempo à negociação de um novo acordo, esse previsto para durar até à entrada dos dois países na CEE. Os trabalhadores dos CTT entram amanhã em greve geral que durará até à próxima sexta-feira, para exigirem o desbloqueamento das negociações do seu Acordo Colectivo de Trabalho, que se arrastam há mais de 15 meses e desde 6 de Dezembro último decorrem no Ministério do Trabalho com a presença de um delegado do Ministério dos Transportes e Comunicações.

3 Terça-feira

Os trabalhadores dos Correios e Comunicações de Portugal (CTT) iniciam uma greve de três dias com a qual pretendem pressionar a administração daquela empresa pública a desbloquear as negociações do acordo colectivo de trabalho. O presidente do CDS, Freitas do Amaral, é eleito presidente da «Internacional» da reacção fascizante, a chamada União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC). O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa alerta em comunicado para a situação de flagrante discriminação em que se encontram os professores do Ensino particular em relação aos professores do Ensino oficial.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

A 26 de Fevereiro de 1978, em Coimbra, 223 organizações de agricultores do Minho, Douro, Trás-os-Montes e Beiras, representados por 728 delegados, criam a **Confederação Nacional de Agricultura (CNA)**, tendo sido aprovada na mesma reunião a Carta Nacional da Lavoura e a Proclamação aos Agricultores e à Nação.

Editorial

60 ANOS AO SERVIÇO DO POVO E DO PAÍS

O 60.º Aniversário do Partido Comunista Português é um marco ímpar na história do movimento operário português. Diz-se na Resolução do Comité Central de 17 de Fevereiro último que a história do PCP se entranha no processo histórico do crescimento, consciencialização, organização e luta da classe operária portuguesa como força social e política determinante no Portugal de hoje e de amanhã. Não se trata, manifestamente, de uma afirmação gratuita — os comunistas não fazem, não podem fazer afirmações gratuitas — mas de uma realidade comprovada pelo quotidiano nacional. A trajetória do PCP é inseparável da vida, da luta e dos destinos do Povo português. É impossível escapolizar as grandes etapas históricas da vida do nosso povo nas últimas seis décadas sem assinalar como factor essencial a actividade e o papel determinantes do Partido Comunista Português; não se pode penetrar no âmago dos grandes acontecimentos do Portugal contemporâneo do último meio Século sem neles encontrar o sal do trabalho usado e criador dos comunistas portugueses. As comemorações do 60.º Aniversário do PCP decorrem numa conjuntura nacional que confirma de maneira exuberante o papel necessário, indispensável e insubstituível dos comunistas na vida política portuguesa. Este é o traço mais notável da vida e da história do Povo português nos últimos 60 anos.

EM 28 de Maio de 1926 o fascismo camuflado pôde passar, pôde fazer o seu passeio militar triunfal de Braga até Lisboa — ante a passividade e a inércia dos partidos tradicionais da República democrático-burguesa de 1910 — pôde suprimir sem significativas resistências a liberdade política e impor a ditadura de classe dos grandes capitalistas e latifundiários, porque a classe operária portuguesa e o seu Partido não estavam ainda em condições sociais e políticas de dar a resposta decisiva, de dirigir e travar o combate frontal vitorioso contra as forças reacçãoárias. Os historiadores do movimento operário português trarão seguramente um dia a lume, de maneira mais documentada e objectiva, numa história que está no essencial por fazer, as causas profundas da derrota da democracia em 1926. Mostrarão também — com a meridiana clareza da nossa rica experiência nacional — que o golpismo de costas para o povo, sem qualquer conjugação nem consonância com o movimento popular de massas, está condenado ao fracasso como solução democrática contra o poder reacçãoário. Os nossos futuros historiadores mostrarão igualmente, de forma liminar, que a histórica vitória do Movimento dos Capitães de Abril de 1974 só se tornou possível por ter sido o desenvolvimento lógico de um vasto movimento popular de dezenas de anos, por ter tido no seu bojo e nos seus alicerces milhares de lutas grandes e pequenas nas formas mais variadas, inúmeros sacrifícios e sofrimentos de milhares de patriotas, homens e mulheres, muitos dos quais sucumbiram na luta, nas prisões e nos antros da PIDE, em que está presente — inconfundível, determinante, abnegada — a acção infatigável e porfiada dos comunistas.

DURANTE 48 anos, nas condições da mais rigorosa clandestinidade, o PCP foi a alma e o nervo da resistência ao fascismo, a única força que num apuro de organização e de inteligência se tornou o motor da luta popular organizada contra a opressão e a exploração fascistas. O Partido Comunista Português pôde sobreviver à feroz repressão terrorista do fascismo porque soube fundir-se com as amplas massas no combate diário pelas reivindica-

ções populares fundamentais, porque soube desenvolver e pôr em prática uma justa linha de organização e uma adequada estratégia de combate contra um inimigo consideravelmente mais forte, dispondo das alavancas do Estado, de poderosos meios de ataque, dum monstruoso aparelho policial experimentado. Sem a acção e a iniciativa decisivas, vigorosa e aglutinadora dos comunistas seria inconcebível a existência e actividade de vasto Movimento de Unidade Nacional Antifascista clandestino e da sua expressão legal, o Movimento de Unidade Democrática (MUD) e o MUD Juvenil; seria impossível criar e defender do terror policial um organismo tão representativo e influente como o Conselho Nacional Antifascista clandestino que agrupava não somente o PCP e os remanescentes do Partido Republicano Português e do antigo Partido Socialista, como numerosas individualidades marcantes do pensamento democrático e progressista, de sectores católicos, das Forças Armadas, dos monárquicos antifascistas, mesmo de dissidentes do fascismo. Sem a determinação e o trabalho concreto dos comunistas não teria sido possível criar e desenvolver amplos movimentos legais de massas de natureza social e cultural entre os quais ocupa um lugar destacado na luta de classe operária o grande movimento sindical unitário personificado na InterSindical no período anterior ao derrubamento do fascismo.

NA base da luta contra o colonialismo português no Continente, o PCP impulsionou poderosas acções contra a guerra colonial, inspirou a organização de acções armadas contra o aparelho colonialista de guerra, alentou a resistência patriótica de milhares de soldados e oficiais que no próprio terreno de batalha organizaram a luta contra o poder fascista e colonial, ajudaram de maneira directa e indirecta a luta heróica e patriótica dos povos subdominados pelo colonialismo português em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde, lavaram a desonra nacional de uma brutal opressão colonialista de quase 500 anos. Em condições particularmente difíceis o Partido Comunista Português deu expressão concreta à sua linha consequente de defesa do direito à autodeterminação e à independência dos povos coloniais, mostrou no terreno da luta que os superiores princípios do internacionalismo proletário e da solidariedade e amizade entre os povos não são palavras vãs. A aliança entre o Povo e as Forças Armadas, cimentada nas poderosas acções imediatamente subsequentes ao heróico movimento do 25 de Abril e depois na defesa e consolidação posteriores das suas conquistas fundamentais é o produto da acção esclarecida, persistente e combativa dos comunistas portugueses em estreita unidade com as forças democráticas, com todos os democratas e patriotas que, enfrentando a raiosa resistência das forças do passado, garantem a continuação das extraordinárias conquistas democráticas do Povo português no País de Abril.

A defesa intransigente das conquistas da Revolução ilumina com uma luz particular os últimos sete anos da história do PCP e do Portugal democrático nascido em 25 de Abril. Os comunistas que ao longo da tenebrosa noite do fascismo foram os intereratos combatentes contra o colete de forças da legalidade fascista, contra o poder discricionário e totalitário do regime de Salazar e Caetano, jamais se curvaram às leis injustas e impopulares do fascismo, tornaram-se os campeões mais denodados da legalidade democrática, das instituições, da Constituição da República nas novas condições resultantes da Revolução de Abril, do regime democrático que recolhe o apelo maciço e maioritário das largas massas do Povo.

Na defesa das liberdades, das Nacionalizações, da Reforma Agrária, do controlo de gestão, dos direitos e liberdades dos trabalhadores, na luta contra a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, na defesa do Poder Local, nas propostas políticas e no esforço concreto para a solução dos grandes problemas do Povo e do País, os comunistas portugueses estão na primeira fila do combate. Uma acção inflexível que está na linha dorsal do trabalho dos comunistas ao longo dos 60 anos de existência do seu Partido é a luta consequente, firme, de classe, em defesa dos interesses dos trabalhadores e do Povo. Nas empresas, nos campos, em toda a parte onde a exploração capitalista faz da vida dos trabalhadores uma fonte de superlucros para os grandes senhores do capital, o Partido Comunista Português está na vanguarda da luta pelo melhoramento das condições de vida do povo laborioso, contra o desemprego, contra os baixos salários, pela satisfação das reivindicações básicas e elementares dos trabalhadores. Ao mesmo tempo o PCP é um defensor intransigente da intervenção dos trabalhadores nos grandes problemas políticos do País, da sua participação activa em todo o processo da Revolução portuguesa. O carácter de classe do PCP afirma-se na luta geral e nas situações mais variadas e complexas do Portugal dos nossos dias.

AS comemorações do 60.º Aniversário do Partido Comunista Português têm lugar no rescaldo da retumbante derrota da Aliança dita democrática nas eleições de Dezembro e da importante vitória política dos comunistas e das forças democráticas explicita nos resultados eleitorais. A conjuntura político-partidária fornece significativos elementos de comparação e de avaliação de forças no momento actual. No seio da «AD» crescem as rivalidades e ambições, alçam-se fissuras insanáveis, são visíveis os estragos da derrota de Dezembro. Os resultados das eleições de 5 de Outubro, que reforçaram a maioria da «AD» no Parlamento e no Governo, representam o auge das forças reacçãoárias desde as eleições de 79 ao passo que os resultados de 7 de Dezembro marcam o começo da sua queda e do seu declínio, e lhe retiram legitimidade para governar o País. O 8.º Congresso do PSD, principal partido da «AD», revelou as divisões e rivalidades entre «falcões» e «pombas», as ferozes lutas por posições de chefia. A incomensurável validade de Balsemão ao considerar «genial» o seu discurso de encerramento do Congresso, não tem força para esconder a profundidade das divisões e tricas entre as facções e chefes «social-democratas». Também no CDS se avolumam as desinteligências e as ambições de chefia que prelidiam um congresso de galos. Num outro plano, e em condições que reduzem o potencial das forças democráticas no combate à reacção, o PS enfrenta sérias dificuldades internas, lutas de tendências e orientações contraditórias que entrafquem a participação dos socialistas na luta contra as forças reacçãoárias, por uma alternativa democrática ao Governo e à política da «AD». E neste quadro contraditório e inseguro emerge a força, a unidade política e a coesão ideológica do PCP. Contra as tentativas de isolamento e marginalização dos comunistas, o 60.º Aniversário do Partido Comunista Português consagra a crescente força da sua intervenção no processo político do País. Cada vez mais o PCP aparece aos olhos dos portugueses como um Partido necessário, indispensável e insubstituível da democracia portuguesa. Cada vez mais os trabalhadores e todo o povo laborioso se voltam para o PCP como o grande Partido da verdade, da esperança e do futuro.

EIA, AVANTE!
ESPECTACULO DEDICADO AO 60.º ANIVERSÁRIO DO PCP

PAVILHÃO DO ACADÉMICO
6 MARÇO, SEXTA-FEIRA, 21,30 h.
PORTO

Avante!
NOVA TABELA DE ASSINATURAS

50 números

CONTINENTE - 625\$00 - ILHAS - 780\$00
ANGOLA, BRASIL, CABO VERDE, GUINÉ, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ E PRÍNCIPE - 2400\$00
ESPAÑA - 790\$00 - EUROPA - 1270\$00
RESTO DO MUNDO - 1750\$00

Tempo de antena do PCP na RTP-1

Amanhã sexta-feira, 6 de Março - precisamente o dia em que se perfazem sessenta anos sobre a criação do nosso Partido -, o PCP usufruirá do tempo de antena a que, por lei, tem direito na RTP.

O programa irá para o ar no Canal 1, a seguir ao Telejornal, e incluirá imagens de sessenta anos de luta ao serviço do Povo e da Pátria.

Este mês há **SALDOS de LIVROS** no Centro de Trabalho Vitória Av. da Liberdade - Lisboa

DESCONTOS DE 30%, 40%, 50% 60%

Aberto ao público das 10 às 22 horas

Não perca a oportunidade

Comemorações do 60.º Aniversário do PCP

Cantar o Barreiro Operário
Sexta-feira
6 de Março, nos Penicheiros

ENTRADA LIVRE

17h - Actividade infantil, com pintura, modelagem, ofertas e surpresas (no Largo do Casal, frente aos Penicheiros);
20h - Festa Popular, no Largo do Casal, com música e banca de venda de materiais alusivos ao 60.º aniversário do PCP;

21 e 30h - Espectáculo nos Penicheiros, com a colaboração de Armando Caldas, José C. Calazans, Alexandre Branco, António Machado, «Amigos do Barreiro», Carlos Paredes, Fernando Alvim, Celeste Amorim, Carlos Silva, Joaquim Pessoa, Luís Cília, Liete Reis, Manuel Branco, Teresa Paulo Brito, e «Trigo Limpo».

Avante!
Uma voz de luta nos jornais e CTT

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa-CODEX Tel. 789725/789722

DISTRIBUIÇÃO: CDTL, Central Distribuidora Livreira, S.A.R.L. Serviços Centrais, Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt. - 1000 Lisboa Tel. 779828/779825 Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C/V - 1000 Lisboa Tel. 789705 (Abrangem os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal) Casa de Venda em Lisboa: Rua do Socorro, 80 - 1200 Lisboa I. Tel. 372238

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 57B - 4000 Porto. Tel. 28938 Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto. Tel. 310441 Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.º de Maio 186, Pedreira - 3000 Coimbra Tel. 31286 Centro Distribuidor do Alentejo: Alarcova de Baxo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361 Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417 ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq. - 1000 Lisboa Tel. 779828

PUBLICIDADE CENTRAL: Av. Santos Dumont, 63-A - 1000 Lisboa Tel. 776936/776750 Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto Tel. 381067 EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora Tel. 900044 Composto e impresso na Heaska Portuguesa R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora

Tiragem média no mês de Fevereiro: 66 800

Nacional

O grande capital nunca pagou justo e a horas

É preciso obrigá-lo

Cada semana que passa com este Governo em vigor maior e mais pesada é a lista dos conflitos em empresas e sectores. Os que se resolvem são poucos e as soluções parciais. De um modo ou de outro, com esta ou aquela forma de luta, há um momento, sobretudo nos grandes sectores com empresas nacionalizadas onde o conflito acaba por esbarrar com a intransigência de um Governo coerente e apenas com a defesa de interesses que não são dos trabalhadores e do país. É o bolso do grande capital que entra em jogo. São os seus interesses, os seus planos, os seus lucros a curto, médio e longo prazo que acendem e prolongam as lutas no sector privado da camionagem, na Rodoviária nacionalizada, na TAP, nos CTT, nas moagens, na Covina, nas grandes empresas metalúrgicas e metalomecânicas (a Cometa volta a parar hoje, por 24 horas, se não houver acordo), na Siderurgia, na Função Pública, na Indústria do calçado, no vestuário, no têxtil, em todo o sector das pescas nacionalizadas. Nunca foi fácil obrigar o grande capital a pagar justo e a horas.

As lutas deixam sempre consequências que os trabalhadores procuram reduzir ao mínimo, designadamente quando estão em jogo interesses nacionais. Mas como ainda recentemente aconteceu com os «privados» da camionagem, os trabalhadores acusam com razão o Governo de procurar a confrontação, de procurar os conflitos com o objectivo de alterar a Lei da Greve. E não só essa, acrescentamos nós. A AD mantém na gaveta um pacote laboral inteiro à espera das condições ideais para o ir pondo cá fora.

Por exemplo nos CTT será necessário um mês ou mais para voltar à normalidade depois da greve, se as condições dos trabalhadores não forem entretanto aceites. (Escrevemos antes do início da greve).

Lembremos ainda a título de exemplo que só em Lisboa na Estação Central são movimentados numa semana 7 mil objectos postais.

Reivindicações realistas e com fundamento

As razões dos trabalhadores são sérias. Os seus representantes nas empresas e nos sindicatos estão autorizados a defendê-las à mesa das negociações — em primeiro lugar ali e por outras formas quando necessário e após plênários concordes e com poder para decidir. A falta de reestruturação, a incompetência, a inadequação perante necessidades, novas tecnologias, etc., são assuntos

certamente importantes e que interessam aos trabalhadores. Mas são antes de tudo da responsabilidade dos gestores, dos concelhos que o Governo designa como muito bem entende. De resto todas as iniciativas no âmbito legal do controlo de gestão são por sistema mal vistas quando não são tomadas impraticáveis como frequentemente sucede. Poderíamos citar numerosos exemplos. Há casos concretos em grandes empresas como a Sorefame, a Cometa, a RN, a Siderurgia, a Equimetal, os próprios Correios.

Os argumentos (ou ameaças?) do grande patronato representado no Governo AD/Balsemão para não aumentar os salários de acordo com o aumento constante do custo de vida são conhecidos: mais inflação, mais desemprego, mais impossibilidades de toda a ordem. Mas, empresa por empresa, os trabalhadores conhecem os lucros e outros resultados. Sabem como os Governos AD tentam manipular os números. Ainda se lembram das «contas» da RN...

Os trabalhadores da Amadora, por exemplo, ainda recentemente, através do seu Conselho de CTs pertencente à CIL (Cintura Industrial), chamavam a atenção para as empresas do concelho com problemas económicos e financeiros gravíssimos, com subaproveitamento das capacidades produtivas, com milhares e milhares de horas de inactividade (casos da Sorefame, Gasina, Bertrand,

etc.) e para outras que caíram mesmo em situações de falência (casos recentes da Sousa Braga e Her) com centenas de trabalhadores lançados no desemprego. Mas ao mesmo tempo e no mesmo documento, o Conselho de Trabalhadores da Amadora verificava a enorme disposição de luta que existe entre os trabalhadores da Amadora no sentido de defender os seus direitos e conquistas e de exigir a adopção de medidas que resolvam a grave crise económico-financiera das empresas pela qual não são responsáveis.

Não são os trabalhadores que procuram o confronto. A recente desconvocação da greve na RN, em cima da hora, vem comprovar aquilo que os trabalhadores sempre defenderam: as negociações, mesmo com o conflito aberto, evitar as rupturas, defender o diálogo para evitar as paralisações.

A resposta do patronato com o aval do Governo

Com as costas quentes por terem apoiado em casos muito concretos um Governo destes, o patronato mais reaccionário procura atirar todas as culpas para a organização dos trabalhadores, para os delegados sindicais, para os membros das CTs. Na Siderurgia, firma bem conhecida (a publicidade não falta) o CCTV (Contrato) não é cumprido. Mas

há promoções automáticas e aumentos salariais selectivos. O Sindicato dos Metalúrgicos do Porto conhece bem o caso, está longe de ser dos piores. Só o é num aspecto; só o é no facto de ser uma grande empresa que recorre a processos mesquinhos, que procura atacar os trabalhadores dividindo-os. Assim, pela Siderurgia Caetano se pode ser o que sucede no Norte. No fim do mês passado, na área do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, havia luta em 23 empresas e essa luta abrangia cerca de 10 mil trabalhadores.



Metalurgia e metalomecânica pesadas, um dos sectores onde os conflitos se sucedem nas grandes zonas industriais de Lisboa e Porto. Uma imagem da Sorefame

Na grande maioria dos casos os motivos centrais desses conflitos, no Norte como no Sul e em todo o País, são a contratação colectiva os despedimentos, os contratos a prazo.

As lutas se prolongam tomando-se mais agudas e difíceis, frequentemente há êxitos e mesmo vitórias embora parciais e temporárias. Mas é precisamente na luta diária e constante com objectivos concretos que

a unidade se forja. «O desenvolvimento das lutas de massas, como recordou o Plenário do CC do PCP em 13 e 14 de Fevereiro, é a melhor escola, o motor mais eficiente da unidade dos trabalhadores e de todos os democratas».

Acordo de pescas com a Espanha Será que os peixes dos lagos ainda escapam desta?

Manifesta incapacidade da «AD» em defender os interesses nacionais

Um acordo de pescas provisório foi assinado entre Portugal e a Espanha. Este o compromisso agora assumido vigorará durante 120 dias, ou seja, quatro meses.

Pode dizer-se que a montanha pariu um rato. Depois de todo este tempo gasto em negociações e declarações públicas o Governo Balsemão assina um compromisso transitório, que vai durar até fins de Junho.

Depois, possivelmente, irá subscrever um outro compromisso transitório por mais quatro meses, o que significa que durará o acordo até fins de Outubro. Depois, como

faltam apenas dois meses para terminar o ano, prorroga aquele compromisso até final do ano, enquanto decorrem novas negociações para estabelecer um novo acordo de pescas entre os dois países. E para o ano seguinte repetirá a solução. Deste Governo tudo se pode esperar.

Vamos lá a ver. O que agora se passou revela que o Governo (compromissos e apoios partidários a quanto obrigam) não tem forças para dizer e fazer impor aos espanhóis que deixem de destruir as nossas zonas de pesca.

De tal maneira isto é evidente que o Governo

português não divulgou, até agora, as condições deste compromisso transitório. Se não for conhecido, como poderá a Marinha de Guerra nacional fiscalizar a actuação dos pescadores espanhóis e as colas de pescado por eles apanhado, que, como os nossos pescadores sabem de longa data, tudo levam? Desde as redes e os aparelhos até ao marisco, em fundos falsos.

De salientar ainda que os espanhóis procuram pressionar o Governo português — e segundo parece resultou — apanhando barcos de pesca portugueses que nem sequer pescavam em águas espanholas.

O sequestro do pesqueiro português «Sarrita», de Sines, que depois de pescar nos bancos da Mauritânia teve a infeliz ideia de se reabastecer num porto das Canárias é um exemplo.

Gostariamos de saber como reagiria a esta provocação o prof. Freitas do Amaral se ainda fosse ministro dos Negócios Estrangeiros, ele que tanto vociferou pelo apresamento de um barco português que pescava nas águas da República Democrática Árabe Saauri.

Vamos lá a ver se ao fim destes quatro meses, como ironicamente referíamos no início, não será assinado mais um compromisso transitório.

Assembleia da República

Malabarismos da direita a despropósito de Espanha foram desmascarados

Pode dizer-se que o que de mais importante se passou nos últimos dias na Assembleia da República foi o reflexo que tiveram nas forças políticas portuguesas os acontecimentos que envolveram o golpe de Estado fracassado em Espanha. São Bento preocupava-se com as Cortes de Madrid. Assim, na quinta-feira passada, cinco partidos, entre os quais o PCP, apresentariam votos condenando o golpe e congratulando-se pela derrota dos golpistas — documentos apresentados pelo PSD, ASDI, PCP, FRS e PPM. Estes documentos viriam mais tarde a fundir-se num único voto que alcançou a unanimidade.

A unanimidade conseguida, entretanto, não pôde esconder as diversas «leituras» que fizeram dos acontecimentos os diferentes partidos e formações políticas, caracterizando o golpe com várias adjectivos que mostram bem os modos vários como consideram os intervenientes o ataque às instituições espanholas.

Enquanto que o PCP considerou ter havido em Espanha uma «acção golpista de inspiração fascista», classificação que também a ASDI adoptaria, chamando-lhe «acção golpista de carácter fascista», já a FRS falava em «tentativa de golpe militar», versão mais suave. O PSD e o PPM apenas utilizaram a etiqueta de «antidemocrático» para qualificar o golpe de Madrid.

Nas intervenções registadas, os partidos da direita — registou-se a ausência de iniciativa do CDS que não propôs qualquer voto — não perderam a oportunidade para explorar os acontecimentos de Espanha, continuando os seus ataques às instituições portuguesas e baralhando situações tão diferentes como foram o sequestro dos deputados espanhóis pelos fascistas de Tejero e companhia, e a manifestação em redor da Assembleia Constituinte de trabalhadores da construção civil em 1975.

O camarada Carlos Brito, na declaração de voto produzido pelo PCP, não deixaria de referir-se a tais malabarismos: «É significativo — disse — que aqueles que não têm autoridade para falar pela democracia, pois nunca se bateram por ela e intriguem todos os dias contra ela, logo tenham, a propósito da tentativa de golpe fascista em Espanha, invocado o chamado sequestro da Constituinte. Nós os comunistas

— continuou Carlos Brito —, condenamos na altura, condenamos agora, condenamos sempre, o local escolhido e as formas que assumiu uma manifestação de trabalhadores da construção civil realizada em 1975 a que se refere o alegado sequestro. Mas é completamente absurdo estabelecer qualquer paralelo entre essa acção laboral e com objectivos exclusivamente laborais, e o tentado golpe militar fascista de Fevereiro em Espanha, hoje perfeitamente caracterizado, que se iniciava com a detenção violenta do Governo e dos deputados e que logo evidenciou a violência, a brutalidade, e o terror com que a extrema direita continua a agir em tais situações.

O absurdo da comparação é tão flagrante que eu chego a interrogar-me: se aqueles que fazem

tal comparação são de facto solidários com as forças democráticas e as instituições democráticas espanholas ou se querem servir-se da tentativa de golpe fascista em Espanha para novas operações contra a democracia em Portugal, designadamente com novas discriminações contra os trabalhadores portugueses?

Seja como for, os que a propósito da tentativa de golpe fascista em Espanha invocam a manifestação dos trabalhadores de 1975 estão efectivamente a proceder como se fizessem uma tentativa de desculpar e perdoar o tenente-coronel Tejero Molinas, o general Milan Bosh e os outros fascistas espanhóis.

O país em S. Bento

Nos períodos de antes da Ordem do Dia, tanto da quinta como de sexta-feira passadas, os deputados comunistas intervieram sobre questões regionais, levando ao homicídio problemas de regiões diversas do País. António Mota, no primeiro dia, falou dos problemas dos agricultores transmontanos, resultado de uma visita que fez recentemente a Trás-os-Montes.

A política agrícola da

«AD» — denunciou —, agora bem a coberto do pretexto da seca... ameaça lançar a ruína milhares de agricultores. Os seus problemas têm, por certo, tudo de comum com os problemas que por todo o País os agricultores enfrentam. São as culturas e as colheitas perdidas, é o agravamento dos preços dos factores de produção, são as dificuldades cada vez maiores para escoar as suas produções, são os preços ruinosos por que são pagos os seus produtos e o gado.

Por seu lado, o camarada Vítor de Sá, no dia seguinte, faria uma intervenção sobre descentralização e sobre problemas do distrito de Braga, pretendendo contribuir para que sejam equacionados não só a partir de uma macro-análise em gabinetes de planeamento tecnocrático, mas também — e sobretudo — a partir da observação das realidades locais, tais como são vividas e sentidas pelas populações respectivas.

Na quinta-feira passada, no curto período da Ordem do Dia, ainda houve tempo para que a ASDI pudesse apresentar um projecto seu sobre a validade dos géneros alimentares pré-embalados.

No dia seguinte, a Ordem do Dia ocupou-se com um projecto e uma ratificação, elegendo ainda o Conselho Nacional de Alfabetização onde ficaram representados todos os partidos com lugar na Assembleia.

O projecto de lei, que mereceu a unanimidade, fora apresentado pelo CDS e visa conceder amnistia a uma série de infracções praticadas até 20 de Janeiro de 1981. O texto final votado tinha já beneficiado de algumas alterações propostas. Votando embora a favor, o PCP não deixou de manifestar algumas reservas a parte do articulado do diploma.

A ratificação, obtida por maioria e contra os votos do PCP e do PS, dizia respeito ao decreto-lei sobre recintos desportivos, assunto sobre o qual o «Avante!», no seu passado número, já dera alguma relevância. O diploma baixa à Comissão respectiva para aí ser alterado.

Comemorar o 8 de Março — Dia Internacional da Mulher

A 8 de Março comemora-se, em todo o mundo, o Dia Internacional da Mulher. O origem histórica desta data está ligada à luta das operárias têxteis de Nova York, que em 1857 entraram em greve para conseguirem do patronato melhores salários, diminuição do horário de trabalho e melhores condições laborais.

A repressão patronal, apoiada no governo norte-americano de então, foi violenta, não hesitando em lançar fogo a uma fábrica onde as operárias em greve se encontravam reunidas. Muitas perderam a vida.

Quase meio século depois, em 1910, o Congresso das Mulheres Socialistas aprova a data de 8 de Março como o Dia Internacional da Mulher, que a partir dessa altura passa a ser comemorada anualmente.

Hoje, em 1981, a data não tem apenas um significado simbólico. As condições que vigoram — aumento do custo de vida, exploração da mão-de-obra feminina, desemprego que atinge em primeiro lugar as mulheres, entre outros aspectos — fazem desta data uma jornada de luta. Jornada de luta que se vira contra os promotores desta política — o Governo AD, pela mão de Pinto Balsemão.

Deste modo, diversas iniciativas por todo o País vão assinalar o Dia Internacional da Mulher.

No distrito de Leiria

No distrito de Leiria estão previstas inúmeras iniciativas, que se prolongarão durante o corrente mês.

Na Marinha Grande, após uma série de sessões, debates, projecção de filmes e distribuição de documentos nos diversos lugares do concelho, realiza-se no dia 29 o espectáculo «Viver Mulher», com lo Apolónio.

Estas iniciativas são promovidas pelo Movimento Democrático de Mulheres (MDM).

Entretanto, na cidade de Leiria, um grupo de mulheres realiza no dia 8 um almoço convivido seguido de uma sessão comemorativa com a participação da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo, ex-primeiro-ministro do V Governo.

Também em peniche, Alcoçoba, Caldas da Rainha, Batalha, Vieira de Leiria, Porto de Mós e Bombarral a data será assinalada com jornadas de luta

em defesa dos direitos conquistados pelas mulheres do Portugal de Abril, sessões de esclarecimento, convivios, exposições de artesanato, canto livre e distribuição de manifestos nas ruas e mercados.

Na Figueira da Foz

No próximo dia 15, decorre na Figueira da Foz, pelas 15 horas, no auditório da Gulbenkian, o II Encontro Unitário de Mulheres do Concelho.

Tem este encontro por objectivo fazer o levantamento dos problemas socioprofissionais das mulheres do concelho (desde as que trabalham na lota até às que trabalham nos escritórios) e a resolução dos problemas com que se defrontam, tanto nos locais de trabalho como nos sítios onde habitam, o aumento do custo de vida, a falta de estruturas que permitam uma vida melhor, enfim um extenso rol de problemas que participarem no Encontro poderão denunciar e tentar encontrar as soluções.

Encontro em Ferradal

Realizou-se recentemente o I Encontro das Mulheres de

Ferradal. Vários problemas relativos ao aumento do custo de vida, desemprego, falta de assistência médica na maternidade, ausência de infantários e apoio às crianças inadaptadas foram largamente debatidos pelas presentes.

Em relação aos problemas locais foram abordados os seguintes assuntos: a existência de uma vacaria clandestina que tantos danos tem provocado à população; a falta de um chafariz; a falta de um lavadouro, embora exista já o local para a sua construção, que foi oferecido; a falta de uma escola; o facto de as crianças da pré-primária terem aulas numa garagem sem o mínimo de condições; a falta de contentores e recolha de lixo, dando origem à proliferação de lixo no lugar com perigo da saúde pública.

Eleita uma Comissão Unitária, esta comprometeu-se a desenvolver esforços para a resolução dos problemas levantados, começando por decidir enviar as reivindicações expressas ao Governo, Presidência da República, Assembleia da República, ao Governo Civil de Aveiro, ao presidente da Câmara Municipal da Foz, e aos restantes órgãos autárquicos, nomeadamente ao presidente e à Assembleia de Freguesia de Fiães.

Apareceu nos Açores outro «sobrinho» da «AD»

A direita no Poder não governa, governa-se: eis uma verdade lapidária, de que nestas páginas já temos dado inúmeros testemunhos, e a que agora um novo exemplo se vem juntar. A história é simples e conta-se em três tempos.

Primeiro. O Jornal Oficial dos Açores, II série, n.º 3, de Fevereiro passado, publicou um Despacho Conjunto do secretário Regional da Educação e Cultura e do coordenador do Gabinete de Apoio e Reconstrução, nos termos do qual, «na sequência da proposta e despacho do director Regional dos Assuntos Culturais e do secretário Regional da Educação e Cultura, é concedido um subsídio, a fundo perdido, ao Senhor Dr. José Guilherme Reis Leite, no montante de 50 por cento do custo das obras de reparação das fachadas do imóvel sito na R. de Jesus, n.º

10, de que é proprietário, o que perfaz um total de 841 670\$50» (repare-se no requinte dos cinco tostões).

Segundo. A grande maioria da população atingida nos seus bens e haveres pelo trágico sismo de 1 de Janeiro do ano passado ainda tem a casa em ruínas e não recebeu qualquer subsídio.

Terceiro. O secretário Regional da Educação e Cultura que propôs o despacho e o assinou, e o contemplado pelo subsídio senhor Dr. José Guilherme Reis Leite — são uma e a mesma pessoa.

Pelos vistos, tudo o que se disse do Sobrinho de Moraes não caiu em saco roto. Só que, em vez de repudiarmos o triste exemplo do presidente da Câmara de Valpaços, os senhores do PSD — imitam-no!

Carneiros envolvidos em compadrio e corrupção

O escândalo «Carneiro Campos», ou a legalização de uma construção ilegal em Custóias, já quase toda a gente sabe o que é. Sabe-se já pela imprensa diária que a família do candidato reaccionário Soares Carneiro beneficiou de influências instaladas na administração local e central para levar avante um projecto embargado à partida e que constituiu um atentado contra os interesses das populações da zona.

Más recordemos os factos: após sucessivos indeliberados que remontam a 1972, a firma «Carneiro, Campos e C.ª Lda», sita na Urbanização do Padrão da Légua, Custóias, viu recentemente legalizado um armazém que construiu clandestina-

mente, como se não existissem moradores. Câmara, leis e embargos. Um verdadeiro mostro surge aos olhos de todos em terrenos destinados à habitação, em zona considerada residencial. Para os moradores, a quem de nada valeu os alertas e as denúncias públicas, avolumam-se as suspeitas de corrupção tanto a nível da Câmara e de alguns vereadores como a nível do Ministério da Habitação e Obras Públicas.

Com efeito, recorda-se que a obra esteve embargada por decisão do executivo da autarquia embora o vereador responsável pela fiscalização — o «AD» Teixeira Dias — nada tivesse feito no sentido de impedi-la, concedendo mesmo

autorizações para a obra. Isto apesar de ter sido repetidas vezes alertado pelos moradores e pelo vereador APU de que os «Carneiros» não estavam a respeitar o embargo.

Entretanto, o vereador PS, Nelson Lima, deu parecer favorável à legalização da construção, sem ter previamente discutido o caso no executivo da Câmara, mantendo tal parecer no segredo, pelo menos no desconhecimento do vereador da Aliança Povo Unido.

Outros factos apontam mais misteriosos comprometedores: o vereador APU, que pedira cópia do processo, viu que lhe fora escamoteado o ofício onde se registava parecer favorável aos «Carneiros», atrás do qual

o ministro de Balsemão, João Portas, se justifica hoje; o Presidente da Câmara, por seu lado, afirma a um jornal do Porto que o processo fora remetido a tribunal, sem dizer qual nem quando.

O esclarecimento e apuramento de responsabilidades impõe-se. Assim o propôs em sessão camarária o vereador da APU, que viu rejeitadas as suas propostas pelo Presidente e pelos restantes vereadores PS e «AD». Os efeitos do Povo Unido na Assembleia Municipal pediram entretanto uma Assembleia extraordinária. Para que a legalidade seja reposta. Para dar combate aos compromissos, ao compadrio, à corrupção.

PCP

Bragança abre Centro de Trabalho

● DORT lança campanha de fundos

Em Trás-os-Montes o reforço do PCP, o alargamento da sua base de apoio, o desenvolvimento do trabalho político e da organização estão na ordem do dia. Ultrapassando dificuldades diversas, relacionadas com as características da região, avançando com entusiasmo e espírito combativo, os militantes comunistas de Trás-os-Montes estão a desenvolver uma importante actividade que brevemente será marcada pela abertura do Centro de Trabalho de Bragança.

Destruido o antigo CT pela reacção fascista em 1975, o novo Centro de Trabalho da cidade de Bragança, capital do distrito, foi possível pela luta consequente e pelo dinamismo dos comunistas da região e assinala um marco importante na vida do Partido.

No âmbito da abertura desse Centro de Trabalho, a Direcção da Organização Regional de Trás-os-Montes (DORT) do PCP decidiu promover uma campanha de fundos a decorrer até à Festa do «Avante!», com a meta final de 900 contos.

Chamamos, entretanto, a atenção dos transmontanos comunistas residentes na área

da Grande Lisboa que no próximo dia 12, às 21.30, se realiza no CT Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, uma importante reunião em que estará presente o camarada Sérgio Teixeira, membro do CC. Este encontro abordará, entre outros aspectos, a realização de uma grande jornada de convívio transmontano em 22 de Março, em Lisboa, tendo também em vista o apoio e a solidariedade para com a campanha de fundos para o CT de Bragança.

Iniciativas desportivas, culturais e recreativas

assinalam, entretanto, os 60 anos de vida e luta do PCP, nos distritos de Vila Real e Bragança. Ainda recentemente, mais de seis dezenas de camaradas e amigos confraternizaram na Estação de Vila Real, tendo na altura usado da palavra a camarada Ana Fraga, da DORT.

Em Chaves, Régua e Vila Real o futebol mobiliza muitos desportistas. A taça «60 aniversário» será entregue no domingo na capital do distrito.

● Fanhões e Nisa

Assinalado o 60.º aniversário do Partido, Nisa (no Alentejo) e Fanhões (perto de Loures) inauguram, respectivamente, nos próximos dias 7 e 8 novos Centros de Trabalho do PCP.

As jornadas de inauguração têm previstos os seguintes

programas: em Nisa - visita ao CT e convívio aberto a todos os militantes e amigos do Partido, às 15 horas; às 17, na Casa do Povo, actuação do Rancho das Galveias, canções por Francisco Seia e São Simões, entre outros, e ainda intervenção política pelo camarada Joaquim Miranda, deputado comunista eleito no círculo de Portalegre; às 21, baile com música do conjunto «Melodia 3» de S. Amaro (Souze), em Fanhões - às 14 horas, abertura oficial com a colaboração da mini-banda dos camaradas de Sacavém; sessão-convívio no salão dos Bombeiros, com um grupo de fadistas e Maria Passos, do Grupo de Intervenção Cultural, a partir das 15; hora e meia depois, sessão evocativa dos 60 anos de vida e luta do PCP, com intervenção dum camarada do Comité Central e entrega de documentação do Centro; às 18, continuação do espectáculo com fados e música.

«Eia, Avante!» amanhã no Porto um espectáculo a não perder!

A DORP do PCP leva a efeito amanhã, pelas 21 e 30, no Pavilhão do Académico, no Porto, o espectáculo «Eia, Avante!», comemorativo do 60.º Aniversário do Partido. Falámos com João Semedo, o camarada do Executivo da DORP responsável pela preparação e coordenação do espectáculo, no intuito de trazer aos nossos leitores uma informação mais viva sobre esta iniciativa.

«Avante!» - Que espectáculo vai ser «Eia Avante!»? Porquê este nome? João Semedo - Fazer o «Eia Avante!» é ainda uma forma de lutar. A luta dos comunistas, a luta do Partido, de que comemoramos os 60 anos, vem do passado e nela se enraíza o futuro.

O Partido é herdeiro das mais ricas tradições democráticas e patrióticas, mas simultaneamente a luta dos comunistas é o mais belo projecto de uma sociedade nova. É uma luta em que estamos e prosseguimos. É um processo que avança. É essa a ideia que pretendemos exprimir com o título.

«Avante!» - Formalmente, o que é o espectáculo? João Semedo - «Eia Avante!» reflecte acontecimentos históricos sob diversas formas artísticas. É um todo equilibrado, um espectáculo total. Há canções, mas não é um espectáculo de canção. Há cenas teatralizadas, mas não é simplesmente teatro.

Além, naturalmente, da canção, o espectáculo utiliza a poesia, o sketch teatral, a projecção de slides e de

pequenas passagens de filmes, as canções e a música popular. O cenário, concebido e executado por diversos artistas plásticos, integra, ainda, o espectáculo.

«Avante!» - Quem concebeu e preparou o espectáculo, quem é o autor? João Semedo - Não há lugar para falarmos, propriamente, de um autor. A realização do espectáculo só é possível graças ao intenso esforço colectivo de dezenas de camaradas e amigos do Partido.

No que respeita à concepção e preparação do espectáculo é, no entanto, justo realçar os nomes de Adriano Correia de Oliveira, Júlio Cardoso, João Paulo Guerra, Rui Lima Jorge e José Luís Borges Coelho. Mas o espectáculo empenhou um colectivo mais vasto, é, verdadeiramente, uma obra colectiva.

«Avante!» - O espectáculo, não fala apenas do Partido, não é assim? João Semedo - Certo. Pode dizer-se que constitui o eixo e o denominador de todo o espectáculo o relato de aconte-

cimentos que demonstram a intervenção popular (operária e camponesa) e democrática nos movimentos nacionais e políticos que tiveram lugar no Norte desde o início do século passado e os que hoje são elementos decisivos de transformação da nossa vida colectiva.

«Avante!» - De que modo aparece aí o Partido? João Semedo - Naturalmente enraizado num contexto histórico, impulsionando e dirigindo depois as lutas. E não é difícil recordar o papel do Partido em tantas lutas dos trabalhadores e do povo do Norte ao longo de dezenas de anos, a sua ligação aos mineiros de Valongo e S. Pedro da Cova, aos pescadores de Matosinhos e da Póvoa, às greves da Grundig, da Efaced, dos STCP às lutas nos Estaleiros de Viana e da Sacor, dos bancários, dos trabalhadores de Seguros, dos médicos. Ou, ainda, à luta dos camponeses contra o corte da vinha

americana, ao movimento estudantil, ao movimento democrático.

«Avante!» - Formalmente, quem é quem no espectáculo? Que artistas? João Semedo - Além de um acompanhamento coral com mais de trinta elementos, e dos locutores, participam no espectáculo dezenas de artistas. Entre outros: Adriano Correia de Oliveira, Alexandre Falcão, Alfredo Correia, Brigada Victor Jara, Emília Silvestre, Grupo Resistência, Grupo Trovante, João Enes, Jorge Pinto, José Brás, José Cayolla, Leonor Lains, Luis Correia, Luis de Monte Empina, Lurdes Rodrigues, Manuel Freire, M. Lucinda, Mário Sancho, António Fonseca e Jorge Paupério.

Mas neste espectáculo, quem é quem, verdadeiramente, é o Partido, a classe operária, todos quantos estiverem e estão unidos na luta por uma sociedade mais feliz.

Exposição no Porto

É amanhã inaugurada, pelas 18 e 30 horas, na sede da DORP do PCP, à Avenida da Boavista, 931, no Porto, uma importante Exposição comemorativa do 60.º Aniversário do Partido.

A Exposição organizada pela Direcção da Organização Regional do Porto conta com um painél. Um pouco mais de metade refere-se ao período anterior ao 25 de Abril; os restantes, reflectem a participação dos comunistas na luta pela transformação democrática da nova sociedade após o derrube do fascismo.

orgânico da célula com vista a uma maior participação nas tarefas centrais do Partido e a uma mais dinâmica intervenção na vida da empresa.

Na segunda parte da ordem de trabalhos, foi eleito por unanimidade o novo secretário da célula (sete camaradas).

A Assembleia encerrou com uma intervenção pelo camarada Júlio Filipe. À noite houve jantar de confraternização.

«A não identificação dos elementos do Conselho de Gestão com os objectivos da nacionalização tem vindo a concretizar-se por um tipo de gestão ruínicos, não só para a Banca como para a própria economia, chegando mesmo a verificar-se casos de fraude, corrupção e compadrio», denuncia, entretanto, o Relatório da célula dos trabalhadores comunistas do Banco Totta e Açores (BTA), apresentado na 2.ª Assembleia que decorreu recentemente e na qual foi eleito o novo secretário da célula (nove camaradas). Além do Relatório, foram ainda aprovados o plano de acção para 81 e uma moção de repúdio pela intenciona fascista em Espanha. O camarada Rúben de Carvalho,

do CC e chefe de Redacção do «Avante!», participou nos trabalhos da Assembleia.

Também em Alenquer se realizou a 2.ª Assembleia da Organização Concelhia do PCP que contou com a presença de 96 delegados, muitos camaradas, amigos e convidados. Participaram nos trabalhos os camaradas Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC do PCP, Martins Coelho e António José Anacleto, ambos suplentes do CC do PCP e da DORL.

Segundo a ordem de trabalhos, foi feito o balanço das actividades desenvolvidas pela Comissão Concelhia cessante, que foi aprovado por unanimidade e aclamação; o mesmo aconteceu com a proposta apresentada à Assembleia para a nova Comissão Concelhia, que ficou integrando 13 camaradas. Foram ainda apontadas algumas orientações e objectivos a levar a cabo no concelho pela nova Comissão Concelhia, aprovada uma moção de repúdio e denúncia contra a criminosa ingerência e agressão militar contra o povo de El Salvador, e uma saudação pela passagem do 60.º aniversário do PCP.

Sábado, todos ao Campo Pequeno!

No quadro das comemorações do 60.º aniversário do Partido, realiza-se no próximo sábado, às 15 horas, na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa, um grande comício em que usará da palavra o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP.

Entretanto, às 14 e 30 iniciam-se as diversas provas integradas na Corrida Cidade de Lisboa, destinada a ambos os sexos e a todos os escalões etários. Os CTs da António Serpa, Soeiro Pereira Gomes, Sete Fios e Lumiar são os pontos de concentração dos atletas para as provas, que terminarão no Campo Pequeno, com entrada pela Avenida da República. Haverá diplomas para todos os participantes.

O comício, presidido pelo camarada José Vitoriano, terá na mesa a Comissão Política e o Secretariado do Comité Central, membros de todas as Direcções Regionais, elementos da direcção da JCP, Mulheres Comunistas e Pioneiros, uma delegação de velhos militantes e camaradas de diversos sectores de actividade.

O Partido convidou para assistir a este comício representantes de mais de 200 organizações e personalidades da vida nacional. Lisboa e Setúbal estão a preparar desfiles a partir de vários pontos da cidade com destino ao Campo Pequeno. Os camaradas portadores de prendas colectivas e saudações devem entrar pela porta n.º 22.

Iniciativas em todo o país comemorativas do 60.º aniversário

● Açores

Integrada nas comemorações do 60.º aniversário do Partido, a organização da ilha do Pico deu início a uma grande venda de rifas para sorteio de um relógio e das obras completas de Soeiro Pereira Gomes.

Ainda recentemente, os camaradas da ilha do Pico terminaram a sua primeira campanha de fundos, que mobilizou militantes, simpatizantes e amigos do Partido, num total de quase duas centenas de pessoas. Conseguiram-se 29 contos.

Nestas e noutras iniciativas, tem sido destacada a contribuição dos jovens comunistas do Pico.

● Aveiro

Hoje, dia 5, inauguração de uma exposição em Espinho, no Salão da Piscina (encerra no domingo).

Amanhã, dia 6, jantares-convívio da Organização Concelhia (OC) de Aveiro, no restaurante Só-Mar da Praia da Barra; e da OC de Agueda, no restaurante «O Lousinhas»; torneio de futebol em S. Paio de Oleiros (Feira); sessão no CT de Ilhavo, com projecção de diaporama; lançamento de fogo de artifício em S. Paio de Oleiros e Argoncilhe (concelho da Feira).

Sábado, dia 7, convívio da OC de Estarreja, com projecção de diaporama e jantar; e da OC de Espinho, no Bairro Piscatório; provas de atletismo para todas as idades e festa popular em Argoncilhe.

Domingo, dia 8, almoço-convívio da OC de Ovar, no CT; convívio da OC da Mealhada, na Pampilhosa, às 13 horas e da OC de S. João da Madeira, na Escola Preparatória, às 14; passeio de bicicleta pelo concelho de Espinho, a partir das 9 e 30.

● Beja

Amanhã, dia 6, sessões em Beja, às 21 horas, com Sérgio Vilarigues e em Vila de Frades (Vidigueira).

Sábado, dia 7, sessões na Mina de S. Domingos às 16 horas; em Cuba almoço de confraternização, plenário de quadros da Reforma Agrária e sessão comemorativa, com António Murteira.

Domingo, dia 8, sessão em Mértola e convívio em Moura, às 15 horas.

● Braga

Amanhã, dia 6, às 19 e 30, jantar de homenagem aos velhos militantes do Partido no restaurante «Castiço», em Braga (bancas nas ruas); às 21 e 30, em Riba d'Ave (V. Nova de Famalicão), no salão da Junta de Freguesia, sessão com Lino Lima e projecção de diaporama; também às 21 e 30, Assembleia da Organização da Freguesia de Calendário; em Barcelos, às 21 e 30, convívio aberto à população no CT do Partido.

Sábado, dia 7, sessão com Vitor de Sá e António Lopes, às 16 horas na Escola Alberto Sampaio, em Braga (projecção de diaporama e bancas nas ruas); manhã desportiva em V. Nova de Famalicão e convívio no CT às 15 horas; jantar de confraternização na cantina do Ciclo, em Cabeceiras; em Guimarães, às 10 horas, no CT, Assembleia de Organização dos Metalúrgicos para constituição do Comité de Classe; às 15 horas, no mesmo local, reunião de quadros do sector têxtil (em Guimarães serão instaladas bancas nas ruas desde hoje até domingo).

Domingo, dia 8, em Fafe, às 16 horas, romagem ao cemitério em homenagem aos antifascistas falecidos; às 15, reunião geral de militantes; 17 e 30, convívio aberto a toda a população.

● Bragança

Sábado, dia 7, comício às 15 horas em Chaves; à noite, jantar-convívio e jornada de reabertura oficial do Centro de Trabalho de Alfândega da Fé.

Domingo, dia 8, às 12 horas inauguração do novo CT de Mirandela, com sessão; às 15 horas, inauguração do CT de Carvalhais; às 18 horas, sessão nos Cortiços.

Em todas estas iniciativas participa a camarada Margarida Tengarrinha, do Comité Central do Partido.

● Coimbra

Amanhã, dia 6, realiza-se na cidade de Coimbra um jantar de confraternização aberto a todos os trabalhadores do sector de saúde, comunistas, simpatizantes do Partido e outros democratas. A iniciativa pertence à célula dos Paramédicos de Coimbra.

● Évora

Amanhã, dia 6, sessão em Évora, no Teatro Garcia de Rezende, às 21 horas, com Veiga de Oliveira, e Canto Livre com Samuel; sessão em Benetel, às 21, na Casa do Povo, com António Murteira; sessão na Serra-Arraioles, com Custódio Ginão.

Sábado, dia 7, festa em Arraiolos, com Diniz Miranda. Segunda-feira, dia 9, inauguração da exposição «Panorâmica da Gravura Portuguesa», no Palácio D. Manuel, Évora; às 21, debate sobre aquele tema com um membro da Cooperativa «A Gravura»; às 21 horas, no Palácio D. Manuel, Évora, «Histórias da clandestinidade» com António Gervásio, Diniz Miranda e João Honrado.

Terça-feira, dia 10, plenário do Sector Industrial, no Palácio D. Manuel.

Quarta-feira, dia 11, no mesmo local, plenário do Sector Intelectual de Évora, com Aboim Inglês.

● Faro

Amanhã, dia 6, sessões em Portimão, na «Boa Esperança», às 21 horas, com Vitor Neto, e em Vila R. de Santo António, com Aurélio Santos, às 21 e 30.

Sábado, dia 7, sessão às 16 horas em Loulé, com Aurélio Santos; festa e jornada desportiva em Monte Gordo (participação dos Pioneiros); almoço de confraternização em Silves, às 13 horas, com Vitor Neto.

Domingo, dia 8, inauguração do Centro de Trabalho de Odiaxere às 11 e 30 e almoço-convívio às 13, no Salão de Baile, com Vitor Neto; iniciativa desportiva em Hortas (V. Real de S. António); sessões em Albufeira às 16 horas com Aurélio Santos e em Lagos, às 16 e 30, com Vitor Neto.

● Leiria

Hoje, dia 5, sessões no Sport Império Marinhense, na Marinha Grande, e no Pombal, Salão dos Bombeiros, com Dias Lourenço, às 21 e 30; projecção de filmes na Azambujeira (Bombarral).

Amanhã, dia 6, sessões no Valado e no Bombarral, no Teatro Eduardo Brazão.

Sábado, dia 7, prova de atletismo e campanha de informação e divulgação em Leiria; filmes e «slides», atletismo, convívio

Covina, Montepio, BTA e Alenquer realizaram Assembleias

Com a participação de 196 delegados e várias dezenas de convidados, decorreu recentemente a 2.ª Assembleia da Célula do Partido Comunista Português na Covina.

Os trabalhos decorreram na Sociedade Musical Recreativa Cultural «1.º de Agosto», em Santa Iria de Azoia.

Com a presença do camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política do Secretariado do Comité Central, os trabalhos tiveram início com a discussão do Relatório de Actividades e a eleição do novo executivo da célula.

A leitura do relatório foi feita por vários camaradas, membros do executivo cessante e também por alguns camaradas delegados. Houve ainda diversas intervenções de improviso, que deram um forte contributo para o melhoramento do relatório, o qual, após apresentação pelos delegados de 97 propostas de emenda, foi aprovado por unanimidade e aclamação.

Também por unanimidade e aclamação foi aprovada a resolução final da II Assembleia, a qual aponta como orientação fundamental o reforço

do trabalho e da organização do Partido.

Entretanto, foi eleito por unanimidade e aclamação o novo executivo da célula, fazendo parte da lista 14 operários, 1 engenheiro e 10 empregados, havendo 13 novos camaradas e entre estes 4 mulheres (o mais novo tem 24 anos e o mais velho 63 anos de idade).

Ponto alto da Assembleia foi a intervenção do camarada Octávio Pato, que por várias vezes foi interrompido na sua alocução por ovação dos presentes.

«Pelo reforço da organização do Partido» foi o lema da 1.ª Assembleia de Organização da célula dos trabalhadores comunistas do Montepio Geral/Bancários. Com a presença de 70 por cento da organização, trabalhadores da instituição não comunistas, membros do Organismo de Direcção dos Bancários e também o camarada Júlio Filipe, do Comité Central, os trabalhos iniciaram-se com a análise da actividade da célula, tendo-se aprovado as linhas de orientação para o trabalho futuro.

Entre as decisões tomadas, sobressaem as que apontam para o reforço do trabalho

sofridos, uma vez que o seguro de colheitas não abrange os citrinos.

Em relação ao sector da saúde e assistência social, Jaime Serra sublinhou que «no concelho de Pinhel funcionaram durante o ano passado oito médicos policlínicos. Pois bem, este ano não vai haver nem um! Isto já causou a morte de uma criança por não haver quem lhe desse oxigénio. Em Figueira de Castelo Rodrigo, há já seis anos que foi recebida uma verba de 2 mil contos para a construção de uma creche. Contudo, as crianças continuam a ser recolhidas numa antiga cadeia sem o mínimo de condições. Sabe-se que o dinheiro está na posse de uma comissão de que faz parte o presidente da Câmara eleito pela AD, que não presta contas à população».

Jaime Serra, ao referir que «muitos outros exemplos de desprezo ou desinteresse pelos problemas do povo poderiam ser apresentados», focou o caso dos trabalhadores que não têm assegurados os seus postos de

laboração e estão sujeitos ao arbitrio dos patrões, «tal como acontece neste momento na Cerâmica Alsim, em Castelo Rodrigo».

Entretanto, «os democratas presentes na festa-comício de Barca d'Alva, organizada pelo PCP, certos de interpretar os sentimentos do povo desta região fronteiriça com a vizinha Espanha, manifestam aos trabalhadores, aos democratas e ao povo espanhol o seu completo repúdio pela intenciona militar fascista da noite de 23 de Fevereiro que visa a liquidação das liberdades democráticas e a restauração da ditadura fascista em Espanha». Nesta ocasião, os presentes solidarizaram-se ainda com as organizações democráticas espanholas e afirmam a «firme confiança de que com a sua unidade e assegurando o prosseguimento e desenvolvimento vitorioso do processo de democratização em Espanha de acordo com as aspirações e a vontade dos povos de Espanha».

Em Barca d'Alva floriram amendoeiras

Pela terceira vez consecutiva, o povo de Barca d'Alva, terra do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, no norte do distrito da Guarda, mesmo junto da fronteira com a Espanha, participou com entusiasmo na Festa das Amendoeiras em Flor, uma iniciativa do PCP cujo programa incluiu actividades de carácter desportivo, cultural e recreativo, além de um espectáculo com conhecidos artistas nacionais e regionais.

No decorrer da jornada, que contou com mais de 500 participantes, entre os quais pessoas de outras terras em

fraternal convívio com o povo da região, o camarada Jaime Serra, da Comissão Política do Comité Central do PCP, fez uma intervenção em que, depois de analisar o actual momento político no País, falou de alguns dos problemas com que se debatem as populações do norte do distrito da Guarda.

Sobre a situação na agricultura, salientou a dado passo o dirigente comunista «a perda completa de toda a produção de laranja em Barca d'Alva, em virtude da geada, tendo-se perdido algumas árvores que já seccaram». E mais adiante, declarou: «Face a esta calamidade, o Governo não abriu até agora outra ajuda que não seja um crédito de 12 por cento, que não convém. O que se reclama é uma indemnização pura e simples pelos prejuízos

Camaradas de Aveiro

No próximo dia 11 (quarta-feira) realiza-se nas instalações do Centro Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, uma importante reunião destinada aos camaradas naturais do distrito de Aveiro residentes na área da Grande Lisboa.

O encontro tem início marcado para as 21 e 30. Não faltes!

e exposição na Marinha Grande (estas iniciativas prolongam-se no domingo); almoço de confraternização em Porto de Mós e jantar em Alvaiázere.

Domingo, dia 8, encerra a exposição sobre a vida do Partido nas Caldas da Rainha; sessão de esclarecimento em Peniche com Octávio Pato; jantar-convívio na Nazaré, com projecção de filmes; festa em Á-dos-Negros (Óbidos); almoço-convívio no Bombarral e na Batalha.

Segunda-feira, dia 9, projecção de um filme em Olho Marinho.

Terça-feira, dia 10, iniciativa idêntica nas Gaeiras.

● Lisboa

Hoje, dia 5, às 21 horas, sessão no CT Vitória promovida pelo sector dos Quadros Técnicos e célebra dos Juristas da Organização Regional de Lisboa (ORL), com Blanqui Teixeira. À 21 horas, homenagem a José Dias Coelho, na Rua José Dias Coelho.

Amanhã, dia 6, às 19 e 30, convívio no pavilhão polivalente das Quintas (Vila Franca de Xira), iniciativa da Comissão de Freguesia da Castanheira; filme no CT de Campolide, às 21 e 30; filme no CT de Algés às 21 e 30; sessão na Terceira, às 21 e 30; abertura de exposição sobre a vida do Partido e poesia no CT de S. Amaro de Oeiras, às 20 e 30; almoço-convívio às 13 horas em Carnaxide; sessão em Porto Salvo, na colectividade, com Manuel Pedro, às 21 e 30; mini-comício às 12 horas na Fundação de Oeiras, à porta da empresa, com Ercília Talahadas. Às 20 horas, projecção de um filme no Centro de Trabalho da Alcântara.

Sábado, dia 7, grande comício em Lisboa, às 15 horas, na Praça do Campo Pequeno, com Álvaro Cunhal, antecedido de prova desportiva.

Domingo, dia 8, às 10 horas, torneio de ténis de mesa no CT de Algés com representantes das 4 freguesias do concelho de Oeiras; às 13, almoços-convívio em Paço d'Arcos com José Casanova, em Terceira com Jerónimo de Castro e Linda-a-Velha com Rosa Rabalais; 1.ª Assembleia da Organização do Sobralinho, (freguesia do concelho de Vila Franca), com Dias Lourenço, no Centro Social; almoços de confraternização no CT António Serpa, iniciativa da Freguesia do Campo Grande, e no restaurante «Tobisbar», com Carlos Brito, iniciativa da Freguesia do Lumiar. Às 13 horas, almoço comemorativo do 60.º aniversário do Partido e do Dia Internacional da Mulher, no Centro de Trabalho de Alcântara.

Também no domingo, em Queluz, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários, às 14 e 30, II Assembleia da Organização da Freguesia de Queluz; no final, representação de uma peça de teatro alusiva ao 60.º aniversário, pelo grupo «Praça Pública».

Segunda-feira, dia 9, a partir das 21 horas, primeira fase de apuramento (1.ª jornada) do torneio de futebol de salão no campo Magalhães Lima, Rua do Salvador, 2, Alfama.

Terça-feira, dia 10, às 21 e 30, colóquio no CT de Campolide sobre a situação política internacional.

Quarta-feira, dia 11, sessão às 21 e 30 em Terceira.

● Portalegre

Amanhã, dia 6, Canto Livre e sessão em Portalegre com Diamantino Dias.

Sábado, dia 7, festas-convívio em Nisa (intervenção de Joaquim Miranda) e em Campo Maior com Vitor Dias; sessão de esclarecimento em Montargil.

Domingo, dia 8, sessões no Carro e Souzei, ambas com J. Miranda.

● Porto

Hoje, dia 5, sessões de cinema, às 17 e 30 e 21 e 30, na Cooperativa do Povo Portuense, na cidade do Porto (serão apresentados os filmes «Os Comunistas de Portugal» e «A Fuga»), iniciativa do Sector de Serviços da ORP.

Amanhã, dia 6, projecção de diaporama às 21 e 30, em Pedrelhe (Amarante); colóquio em Paços de Ferreira (Freamunde).

Sábado, dia 7, bancas de rua e prova de atletismo em Felgueiras; almoço-convívio na «Gruta», diaporama e caravana automóvel em Paredes; almoço-convívio no Salão da Cruz Vermelha, em Massarelos, iniciativa do Sector de Serviços da ORP.

Domingo, dia 8, almoço-convívio no café Palácio, na Lousada; às 10 horas, «Corrida da Esperança e do Futuro» na cidade do Porto (entre a primeira sede do Partido no tempo da 1.ª República, na Avenida dos Aliados, e a actual sede, na Avenida da Boavista); projecção de diaporama em Boelhe (Penafiel), às 21 e 30; almoço-convívio em Marco de Canavezes; festa infantil na cidade do Porto, com Barata Moura, às 15 horas, na Praça General Humberto Delgado; estafeta de atletismo às 9 e 30, em Rio Tinto.

● Santarém

Amanhã, dia 6, iniciativas comemorativas em Coruche e Benavente.

Sábado, dia 7, iniciativas comemorativas em Vale Verde e Tramagal.

Domingo, dia 8, almoço de confraternização no Clube de Santarém (campo da Feira, junto à Coop. de Consumo), intervenção política de Domingos Abrantes, canto livre com o grupo «Jornada», inscrições nos CTs do PCP; no Cartaxo, Salão da Juventude, almoço-convívio, intervenção de António Angelo, Fado de Abril e projecção do filme «Lénine em 1918»; na Charnusca, almoço de confraternização, intervenção de Carlos Carvalhas e canto livre com o grupo «Jornada»; em Alpiarça, manhã desportiva, almoço-convívio, intervenção de Vital Moreira, variedades, folclore e baile com música dos «Águias do Ritmo»; em Fazendas de Almeirim, almoço de confraternização na Adega de Jaime Sardinheiro, às 13 horas, intervenção de António Bica, canto livre. Em Torres Novas e Abrantes também haverá sessões.

● Setúbal

Amanhã, dia 6, comício no Seixal, às 21 e 30, com Domingos Abrantes; em Almada, na «Incrível!», à mesma hora, com Joaquim Gomes; sessões em Santiago do Cacém, às 20 e 30, na Casa do Povo, com Rogério de Brito e às 21 na Casa do Povo de Alcochetes, com Sousa Marques.

Sábado, dia 7, almoços de confraternização em Ermidas Sado, com Sousa Marques, e no sítio do Penteadão-Moita com Odete Santos.

Domingo, dia 8, almoços de confraternização em Alcácer do Sal, às 13 horas, com intervenção de Blanqui Teixeira e em Sarrilhos Pequenos (Moita), às 12 e 30, com intervenção de Joaquim Gomes; sessão no Samouco, às 16 horas, com Odete Santos.

● Viana do Castelo

Amanhã, dia 6, comício-festa com Dias Lourenço, às 21 e 30, no Teatro Sá de Miranda, em Viana (presença de velhos militantes e convívio).

Sábado, dia 7, torneio de futebol em Ponte da Barca (às 19 e 30, jantar de confraternização com camaradas e amigos da Ponte da Barca e Arcos de Valdevez).

Domingo, dia 8, jantar-convívio em Santa Marta do Portozelo e provas de atletismo em Friestas (Valença).

Saudações ao PCP por ocasião do 60.º aniversário

Por ocasião do 60.º aniversário do Partido Comunista Português, inúmeros partidos irmãos e outras organizações progressistas de todos os continentes têm feito chegar ao nosso Partido calorosas e fraternais mensagens de saudação, testemunho bem eloquente do alto prestígio do PCP no Movimento Comunista Internacional e entre as forças democráticas de todo o mundo. Das mensagens até agora já recebidas, iniciamos hoje a publicação de algumas das partes mais significativas.

● Partido Comunista da União Soviética

«Nos dias de hoje, o Partido Comunista Português é a vanguarda combativa reconhecida da classe operária, força política influente do país. Os operários, os camponeses, todas as camadas trabalhadoras de Portugal vêem no PCP um lutador consequente pelos seus interesses vitais, um defensor seguro das conquistas democráticas e revolucionárias do Povo português.

«Enquanto verdadeiros patriotas, os comunistas portugueses advogam firmemente uma política externa que defenda a independência de Portugal, pronunciando-se pelo desenvolvimento de relações em pé de igualdade com todos os países.

«Comunistas, trabalhadores de muitos países do mundo conhecem bem a fidelidade dos comunistas portugueses aos princípios da solidariedade internacional com todas as forças revolucionárias. Essas qualidades elevadas do PCP manifestaram-se plenamente na solidariedade activa com a luta dos povos de Angola, de Moçambique, e de outras ex-colónias de Portugal.

«A luta do PCP pela coesão do movimento comunista internacional, de todas as forças anti-imperialistas adquire um significado especial na actual situação internacional que se caracteriza pelas intrigas dos círculos imperialistas, de todos os inimigos da paz e do progresso social. Os comunistas soviéticos apreciam altamente as firmes posições internacionalistas do PCP».

A saudação do PCUS destaca ainda:

«O Comité Central do PCUS e todos os comunistas soviéticos desejam ao Partido Comunista Português e ao seu Comité Central futuros êxitos na defesa das conquistas da Revolução de Abril, no alargamento dos vínculos com as massas trabalhadoras, com todos os democratas e patriotas, pelo Portugal independente, pelo desenvolvimento das relações amistosas entre os povos português e soviético, pela paz e o socialismo».

● Partido Socialista Unificado da Alemanha

«Inspirado na histórica vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, o proletariado português soube dotar-se da sua vanguarda revolucionária e inaugurar assim uma nova etapa no desenvolvimento do movimento operário no seu país».

A saudação do PSUA prossegue:

«Os comunistas, os trabalhadores da República Democrática Alemã acompanham com grande apreço a luta persistente do Partido Comunista Português pela unidade de todas as forças progressistas, pela defesa do regime democrático e das conquistas consagradas na Constituição. Graças à consequente e criadora aplicação do marxismo-leninismo, o Partido Comunista Português cedo se tomou num partido revolucionário de massas. Graças à sua ligação às massas, à sua fidelidade sem limites aos interesses da classe operária e de todos os trabalhadores, aos princípios do internacionalismo proletário, o PCP goza de um grande prestígio nacional e internacional.

«Laços de uma indestruível amizade e de uma unidade de combate de dezenas e dezenas de anos pela nobre causa do socialismo e da paz unem o Partido Socialista Unificado da Alemanha ao Partido Comunista Português.

«Face à agudização da situação internacional provocada pela política de confrontação e de corrida aos armamentos praticada pelas forças mais agressivas do imperialismo e seus lacaios, o Partido Socialista Unificado da Alemanha e o Partido Comunista Português pronunciaram-se pelo reforço da acção conjunta dos comunistas, pela cooperação activa de todas as forças progressistas e amantes da paz, pelo fim da corrida aos armamentos e por passos concretos no sentido do desarmamento, para finalmente garantir de forma duradoura a paz como o maior bem de toda a Humanidade».

● Partido Comunista Búlgaro

«O Partido Comunista Português teve um caminho longo, difícil e glorioso. Durante cerca de meio século lutou em condições de clandestinidade extraordinariamente duras, viveu sofrimentos sem conta e deu milhares de vítimas muito queridas, dirigindo o movimento antifascista, defendendo com todo o esforço os interesses vitais da classe operária e dos trabalhadores. A revolução de 25 de Abril de 1974 pôs fim ao regime fascista e criou condições para que o Povo português tome o caminho da paz, da democracia e do progresso.

«Hoje os comunistas portugueses celebram o 60.º Aniversário do seu Partido, unidos e coerentes na linha criadora do Comité Central, liderado pelo camarada Álvaro Cunhal — dirigente eminente do movimento comunista internacional. O PCP é um Partido marxista-leninista forte e de grande influência, que goza de autoridade, amor e confiança entre os trabalhadores. E o resultado dos esforços incansáveis para consolidar a unidade das forças democráticas, para defender as conquistas revolucionárias do Povo português, consagradas na Constituição do País. E resultado também do seu internacionalismo consequente, dirigido a reforçar a unidade do movimento comunista internacional, resultado da sua contribuição activa na luta pela paz e o desanuviamento, pela liberdade e a independência dos povos».

● Partido Comunista do Vietnam

«Desde a sua fundação, o vosso Partido tem-se sempre situado na primeira linha da luta heróica

e perseverante que a classe operária e as diferentes camadas do povo trabalhador português travam contra a ditadura fascista, pelos seus interesses vitais, pela democracia, pela paz e o progresso social. Desempenhou o papel principal na revolução de Abril de 1974 que derrubou o regime da ditadura fascista e nacional em Portugal. Desde então, tem trabalhado sempre infatigavelmente para realizar a unidade das forças democráticas portuguesas, derrotar as manobras das forças reaccionárias que visam a restauração do fascismo, e conservar as conquistas da revolução.

«O Partido Comunista, a classe operária e o povo do Vietnam estão decididos a apoiar vigorosamente a luta heróica dos comunistas, da classe operária e do povo trabalhador português. Regozijando-nos vivamente com as vossas vitórias, estamos convencidos de que, apesar das numerosas dificuldades e das duras provas, a luta revolucionária da classe operária, do povo trabalhador e das outras forças progressistas em Portugal, de que o vosso Partido é o porta-bandeira, acabará por triunfar, trazendo assim uma contribuição activa à luta comum pela independência nacional, a democracia, a paz e o socialismo na Europa e no mundo.

«O Partido Comunista Português tem desde sempre apoiado calorosamente o vosso Partido e o nosso Povo, recentemente nas suas duras guerras de resistência e hoje no seu trabalho de edificação e de defesa da pátria socialista contra o expansionismo hegemónico de Pequim. Nesta ocasião, queremos exprimir os nossos sentimentos sinceros de profunda gratidão ao Partido Comunista, à classe operária e ao Povo português por esse apoio tão precioso».

● Partido Comunista da Checoslováquia

«Depois da revolução do 25 de Abril (o PCP) saiu da ilegalidade como a força política firme, unida e temperada pelo fogo e sangue, e, desde o primeiro dia, conduz uma luta encarniçada pela liquidação dos restos do fascismo e pelo futuro feliz de Portugal.

«Incansavelmente e graças ao seu esforço, o Povo português pode conseguir transformações democráticas como a liquidação dos grupos monopolistas, a nacionalização de grande parte dos sectores decisivos da economia, a Reforma Agrária e outras conquistas vantajosas consagradas na Constituição democrática.

«Nas condições complexas dos ataques de forças nacionais e estrangeiras, o Partido Comunista Português defende com lealdade os resultados positivos da Revolução de Abril e continua lutando pela independência verdadeira e pelos interesses do seu país.

«Apreciamos especialmente a sua contribuição para o fortalecimento da unidade do movimento comunista e operário internacional, mantendo as posições de fidelidade ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário».

● Partido Socialista Operário Húngaro

«O nosso Partido aprecia altamente o facto de o Partido Comunista Português ter realizado, mesmo nas condições mais difíceis da clandestinidade, uma actividade consequentemente revolucionária, no espírito dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. São bem conhecidos e apreciados pelos comunistas húngaros os esforços dos irmãos de classe portugueses em prol da independência nacional, da defesa do regime democrático e das conquistas revolucionárias, do progresso social e da paz.

«Por motivo desta data destacada da História do vosso Partido, reiteramo-vos a nossa solidariedade fraternal, desejando-vos novos êxitos na luta pelo socialismo, pelo fortalecimento da unidade dos partidos comunistas e operários, pela consolidação da paz e da segurança internacional».

● Partido Comunista da Roménia

«Nesta ocasião é-nos particularmente agradável sublinhar as boas relações de amizade, solidariedade e cooperação entre os nossos dois partidos, para cujo desenvolvimento contribuíram de forma significativa os encontros e conversações entre os camaradas Nicolae Ceausescu, secretário-geral do Partido Comunista Romeno e Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português.

«Neste quadro, apreciamos que o contínuo desenvolvimento das relações de amizade, de estima e de respeito recíproco, entre os nossos dois partidos, vise contribuir para a intensificação da cooperação sob diversas formas, entre a Roménia e Portugal, o que corresponde aos interesses dos dois povos, da causa da paz, da segurança, da cooperação e do progresso na Europa e em todo o mundo».

● Partido Comunista Francês

«Os comunistas franceses conhecem bem o Partido Comunista Português, o papel determinante que desempenhou à frente das massas populares, as lutas corajosas que desencadeou nas difíceis condições de quase meio século de ditadura. Lembram-se das ardentes campanhas pela libertação dos militantes comunistas, dos democratas portugueses, das cadeias sinistras de Salazar. No decurso desta acção comum contra a repressão fascista, estabeleceram-se contactos vivos e forjaram-se laços de fraternidade e solidariedade entre os nossos dois partidos. Solidariedade que se prolongou e se continuou a reforçar após a revolução de 1974, saudada pelo nosso Partido e pela opinião progressista do nosso país.

«Profundamente enraizado no seio da classe

operária, o Partido Comunista Português constitui hoje uma poderosa força nacional, um defensor consequente de todas as conquistas democráticas do 25 de Abril».

● Partido Comunista Alemão

«A nossa solidariedade serviu no passado a luta contra o fascismo e o colonialismo português, serve hoje a luta pela defesa das conquistas da Revolução de Abril e contra a reacção interna apoiada pelas forças do imperialismo, pelos seus partidos e instituições como a NATO, a CEE e as multinacionais.

«Erguemos o nosso firme protesto contra o apoio dado pelo partido da União Democrática Cristã CDU/CSU às forças reaccionárias em Portugal. Exigimos do governo alemão federal dirigido pelos sociais-democratas, que não permita nem apoie qualquer ingerência nos assuntos internos do vosso país. Actuamos no sentido do reforço da solidariedade entre os democratas da República Federal da Alemanha e os democratas portugueses.

«Consideramos o apoio dado à reacção do vosso país como mais uma tentativa do imperialismo para impedir o avanço das forças da paz, da democracia e do socialismo. Esse apoio desenvolve-se e reforça-se de par com o agravamento da política de confrontação dos EUA, com a tentativa de alteração do equilíbrio militar a favor do imperialismo, com as calúnias lançadas contra o movimento de libertação nacional e as forças em luta contra o colonialismo, o racismo, o fascismo e o imperialismo, desavergonhadamente apelidados de «terrorismo internacional», bem como de par com a tentativa de fazer pagar aos trabalhadores as consequências da crise do capitalismo».

Afirma-se ainda na mensagem do DKP:

«No espírito da Conferência de Berlim dos partidos comunistas e operários da Europa «Pela Paz, a Segurança e a Cooperação», e do apelo lançado em Paris por partidos irmãos do nosso continente contra a corrida aos armamentos desencadeada pelo imperialismo, estamos lado a lado convosco na luta pelo desarmamento e pela suspensão das decisões de implantação de novos mísseis nucleares norte-americanos de médio alcance nos nossos países. Tal como o vosso Partido, também nós exigimos que os círculos dirigentes e governantes do nosso país tomem iniciativas próprias para assegurar a paz e que considerem de forma construtiva as propostas da União Soviética e dos outros países socialistas no sentido do prosseguimento da política de desanuviamento».

● Partido Baas Árabe Socialista da Síria

«É um prazer para mim enviar-vos em nome do comando nacional do Partido Baas Árabe Socialista, as minhas felicitações mais sinceras por ocasião do sexagésimo aniversário da fundação do vosso Partido.

«Aproveito a ocasião para exprimir a nossa alegria pela continuação do desenvolvimento e aprofundamento das relações da luta comum entre os nossos dois partidos e povos contra o imperialismo, o sionismo, o racismo e os seus agentes.

«Afirmo o nosso apoio firme à luta do Povo português amigo para consolidar a democracia e conservar as conquistas socialistas contra as forças que tentam roubar a esse povo amigo as realizações da sua gloriosa revolução».

● Partido Comunista da Dinamarca

«A vossa História é a demonstração viva da força inquebrantável do marxismo-leninismo. Ao longo de 48 anos de perseguição constante, desenvolvestes o vosso Partido até tomá-lo incontestavelmente o Partido da classe operária portuguesa. A vossa linha de acção justa e consequente tem sido de importância decisiva para as conquistas e vitórias das forças democráticas de Portugal assim como para as lutas que hoje enfrentam. Tal como no passado, reafirmamo-vos a nossa plena solidariedade.

«Temos em alto apreço os laços de internacionalismo proletário que sempre existiram entre os nossos partidos na luta pela paz, a democracia e o socialismo e pelo reforço da unidade do movimento comunista internacional».

● Partido Comunista de Salvador

«Sessenta anos de existência do PCP, dos quais quase meio século teve de viver nas mais duras condições de clandestinidade, combatendo os seus ferozes inimigos, demonstram que quando os partidos comunistas se ligam indissolavelmente às massas populares não há força capaz de destruí-los. O PCS, que durante os seus quase 51 anos de existência (a celebrar no próximo dia 28 de Março) só conheceu a vida clandestina, valoriza altamente a heróica luta mantida pelos comunistas portugueses, durante a qual muitos deles tomaram combatendo e muitos outros estiveram largo tempo nas masmorras sem nunca vergarem, como é o vivo exemplo do camarada Álvaro Cunhal. Todos eles são um exemplo permanente de fidelidade à causa revolucionária.

«Nesta oportunidade, o PCS quer deixar expresso o seu apreço pela fidelidade que o PCP tem permanentemente demonstrado aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, pela sua constante e valorosa luta em defesa dos interesses da classe operária e dos trabalhadores portugueses em geral, assim como pela sua luta contra o colonialismo, defendendo os sagrados direitos dos povos a ele submetidos. Tais são, no nosso entender,



alguns dos muitos méritos que o PCP possui e que o elevaram ao seu papel de dirigente indiscutível da classe operária portuguesa, papel que se fortaleceu ainda mais desde o 25 de Abril de 1974, ao iniciar-se o processo da revolução democrática e nacional. Dentro deste processo, o PCP reafirmou a sua crialidade revolucionária solidamente fundamentada nos princípios do marxismo-leninismo».

● Partido Comunista da Índia

«Recordamos com muito orgulho a valiosa ajuda que o povo indiano recebeu do vosso Partido durante a luta contra o imperialismo e especialmente na luta pela libertação de Goa do colonialismo português nos anos 50. Também sabemos que este sentimento é partilhado pelo povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e outras ex-colónias portuguesas.

«A História também não esquece o vosso importante papel na Revolução de 25 de Abril de 1974, que derrubou a ditadura fascista e fez pender a balança, de uma forma decisiva, a favor das forças de libertação em África e desferiu um golpe mortal no imperialismo.

«O vosso Partido tem um papel de vanguarda na actual luta da classe trabalhadora da Europa Ocidental, pelo avanço da paz e pela democracia».

● Partido Comunista da África do Sul

«O derrubamento da ditadura fascista em Portugal, em 25 de Abril, não apenas abriu as portas para amplas reformas no país, como trouxe a independência das ex-colónias portuguesas. Podemos testemunhar a forma como esta vitória alterou toda a correlação de forças na África Austral, o que levou à derrota do regime ilegal de Smith no Zimbábue e a duros golpes militares e políticos contra o regime racista da África do Sul.

«Os povos oprimidos da África e de todo o mundo têm uma enorme dívida de gratidão para com o PCP, pela sua contribuição à causa do anti-imperialismo em todo o mundo. O nosso Partido, que é parte integrante do movimento de libertação liderado pelo Congresso Nacional Africano (ANC), na luta contra o regime racista de Botha, inspira-se no vosso exemplo e estuda atentamente os métodos e a política seguida pelo vosso Partido durante o período da clandestinidade quando se confrontava com dificuldades análogas às que se nos deparam hoje, na nossa luta.

«Mas a vossa luta não cessou com o derrubamento do regime de Caetano. Portugal, a Europa e a paz mundial estão ainda hoje ameaçados pelas forças do imperialismo e da contra-revolução, e o vosso Partido encontra-se de novo na primeira linha dos esforços do Povo português para defender as conquistas da sua revolução. Todos nos encontramos sob a ameaça das perigosas tentativas do recém-instalado regime de Reagan de arrastar o mundo para a beira da guerra nuclear, na sua tentativa desesperada, mas inútil, de salvar o sistema capitalista mundial da derrocada».

● Partido Comunista da Síria

«Os comunistas sírios têm em alta consideração a longa e heróica luta do vosso Partido durante longos decênios de clandestinidade, contra o regime fascista em Portugal e contra a sua odiosa política colonialista, e inclinam-se respeitosamente perante o heroísmo dos comunistas portugueses e dos seus sacrifícios nesse longo e difícil período. Os comunistas portugueses demonstraram — apesar das complexas e duras condições — como, sendo fiel às orientações do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, opondo-se a todas as tentativas revisionistas de direita e de esquerda, lutando pela unidade do movimento comunista internacional e mantendo inquebrantável relação com o glorioso Partido Comunista da União Soviética, demonstraram como se constrói o partido forte, unido, de estreitas relações com a classe operária, com os camponeses e os intelectuais democratas progressistas, um partido popular capaz de exercer a melhor forma os seus deveres nacionais e internacionais».

E a mensagem do PC da Síria prossegue:

«Os comunistas sírios têm em alta consideração as posições de solidariedade internacionalista que toma o Partido Comunista Português na defesa de todas as causas justas do movimento de libertação nacional árabe e em especial da causa do povo árabe da Palestina e do seu direito à autodeterminação e à formação de um Estado nacional independente, assim como a sua solidariedade com a luta que o povo sírio leva a cabo contra os planos e complotos do imperialismo americano, do sionismo e da reacção, pela libertação dos territórios árabes ocupados e a derrocada de «Camp David»».

Trabalhadores

No VI ano da nacionalização Banca e Seguros devem ser mesmo assunto nacional

● Para onde vão as remessas dos emigrantes

“É bizarro que no ano em que se realiza o Congresso das Comunidades, e em que se deveriam desenvolver formas mais efectivas de ligação dos emigrantes à sua pátria, os gestores “AD” na banca os alicem a depositar as suas economias em praças estrangeiras para as aplicarem não a favor da economia do País, mas sim especulativamente e com objectivos que começam a suscitar interrogações” — afirma a Comissão Organizadora das Comemorações do VI Ano da Nacionalização da Banca e dos Seguros, que deu uma conferência de imprensa na sede do SBSI (Sindicato de Lisboa), para divulgar um vasto e pormenorizado documento de análise (e de propostas) sobre a situação da banca portuguesa e anunciar publicamente o programa daquelas comemorações.

A Comissão formada por activistas sindicais e membros de comissões de trabalhadores, no activo ou não, (Tavares de Sousa, BNU; Carlos Gomes, BBI; Geraldês Soares, BP; Molariño Jacinto e Telmo Vieira, BPSM; Rui Pacheco, Mundial-Conflância; e Silva Santos,

principais problemas da banca, incluindo as ameaças de reprivatização.

As comemorações que serão conjuntas (banca e seguros) incluem uma manifestação no próximo dia 13 com início às 19 e 30 no trajeto entre os Restauradores e a Praça do Município.

e dinamizar a opinião pública para sustentar os ataques que estão a ser levados à prática sobre estes sectores e bem assim alertar a população para as consequências funestas decorrentes da política seguida pelo Governo na banca e nos seguros, que a curto prazo poderá levar ao desemprego e à miséria, reafirma a Comissão.

Desviar as remessas dos emigrantes

As interrogações que referimos de início e que a Comissão não é a única a levantar baseiam-se em dados muito concretos e graves. Não é apenas o caso dos empréstimos ao Chile, cuja ponta do iceberg só agora a imprensa começa a revelar”, acentua a Comissão. É clara “a manobra

serviço da economia nacional apreciáveis fatias dos recursos financeiros captados nas filiais no estrangeiro, colocando-as ao serviço, como agora se vê, do regime de Pinochet e de outras ditaduras e reforçando assim a dominação dos EUA na América Latina.

Por outro lado, o Governo “AD” escancara as portas do País aos grandes empréstimos dessa mesma banca internacional que, por sua vez, impõe condições políticas através do FMI, condições que passam precisamente pela abertura do sector bancário à iniciativa privada, condições que colidem com a Lei Fundamental do País, a Constituição.

O documento distribuído na conferência de imprensa relata casos e aponta nomes. A ele voltaremos noutra oportunidade. Para já adiantemos alguns factos avulsos. Por exemplo: “O Totta, em Nova Iorque e em Londres, é gerido por homens-de-mão dos Mellos, ex-directores do Standard Totta de Moçambique e do Totta Standard de Angola, antes da independência daqueles países. O dr. Alípio Dias, membro do conselho de gestão, secretário de Estado das Finanças do 1.º Governo “AD” e secretário de Estado do Orçamento no actual — homem vinculado aos grandes interesses privados e promotor das sociedades de investimento — é dado como sendo a eminência parda que traça as grandes linhas de actuação do Totta”.

Entretanto, o Governo AD proibiu o BNU (nacionalizado evidentemente) de exercer o direito que legalmente lhe assistia de comprar as acções que Manuel Bulhosa oferecia a Miguel Quina (tudo nomes do antigo regime) e que representavam 2/3 do capital do “Franco-Português”, alegando que as acções eram caras...”

O director do Saudi International Bank (um grupo americano, o Morgan Bank, é o verdadeiro patrão do Saudi) esse director, diziamos, “responsáveis pelas relações com Portugal, é D. Tristão da Cunha, primo dos Mellos (os mesmos), ex-director do Banco Totta & Açores, que se retirou de Portugal após a nacionalização por não concordar com ela”.

Semana de luta

Repór e melhorar o poder de compra

«Uma política salarial que reponha e melhore o poder de compra dos trabalhadores e a actualização dos salários mínimos, pensões e subsídios» e não um pacto de submissão aos ditames e interesses do grande capital é uma das reivindicações aprovadas no último sábado, 28, na Voz do Operário, durante a sessão que encerrou a semana de luta promovida pela União dos Sindicatos de Lisboa (USL) pela CIL (Cintura Industrial) e outras organizações do movimento popular como a Associação dos Inquilinos, o MDM e a Coordenadora das Comissões de Moradores.

A sessão pública de encerramento — termo de uma série de iniciativas mobilizadoras contra o aumento do custo de vida, e que se realizou também no distrito do Porto — contou com a participação de economistas que, respondendo a questões postas pela assistência e nas suas intervenções puseram a claro a demagogia governamental e as causas principais do aumento dos preços.

Além dos economistas — Eugénio Rosa, da CGTP-IN, e Octávio Teixeira, deputado pelo PCP à Assembleia da

República — tomaram parte activa na sessão dois técnicos do Grupo de Saúde da USL e elementos da Comissão que promoveu a semana de luta.

Muitos milhares de assinaturas de protesto contra a carestia e a política de preços seguida pelo Governo, distribuição de um Jornal explicativo e mobilizador, distribuição de comunicados, designadamente nos mercados e transportes públicos, e outras iniciativas entretanto anunciadas constituíram um forte sinal de que a população não aceita passivamente os aumentos, mesmo disfarçados a prazo mais ou menos longo para não doerem tanto.

Na sessão de encerramento na Voz do Operário, em documento aprovado para o efeito, destaca-se a reivindicação que exige «uma política que ponha fim aos aumentos dos preços dos bens e produtos de primeira necessidade, a revogação do despacho que veio aumentar os serviços médico-sociais e o fim imediato da sua aplicação», bem como «o alargamento do cabaz de compras e a manutenção dos preços dos produtos e bens».



Um 1.º Encontro para um 1.º Congresso

1.º Congresso no Comércio

Ao mesmo tempo que se mobilizam para dar todo o apoio à sua campanha de organização sindical, os trabalhadores do comércio e serviços preparam activamente o primeiro Congresso que a Federação realiza com âmbito nacional, nos dias 14 e 15 do corrente.

O Congresso, sob o lema central de «unir e organizar para intervir, dignificar e vencer», interessa a um numeroso ramo de actividade, diversificado e com problemas específicos, para além daqueles que mobilizam todos os trabalhadores.

Na linha de grandes realizações anteriores, como foi o Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio em Maio de 1979, que institucionalizou inclusivamente o Congresso como órgão máximo da Federação, a importante assembleia do fim da próxima semana terá, como decisão básica, segundo a Federação vem repetindo, a que determina nas estruturas unitárias o reforço constante da organização e o aprofundamento da unidade entre os trabalhadores.

Desde que cumpram o respectivo regulamento e desde que o Plenário assim o decida, poderão estar representados no Congresso sindicatos não filiados na Federação.

FP: Ridículo o aumento do Governo

Como aconteceu em Lisboa, a contraproposta governamental para as reivindicações da Função Pública foi considerada «ridícula» pelo Sindicato da Zona Norte.

No Norte como no Sul e em todo o País onde foi aprovado, como se sabe, um aumento de 24,4 por cento da tabela salarial, já em meados de Fevereiro findo, foi rejeitada a migalha de 10,2 por cento que o ministro da Reforma Administrativa, propôs a comissão negociadora sindical (CNS) representativa de 25 organizações de classe.

Esses 25 sindicatos subscritores da Proposta Reivindicativa Comum (PRC) representam cerca de 300 mil do total de cerca de 400 mil trabalhadores do sector. Segundo o ministro, que saltou do Trabalho para a Reforma (criação do prof. Freitas), o Governo além dos 10,2 por cento da tabela (e não os 16 do tecto) as diuturnidades teriam um aumento de 16,6 por cento e o subsídio de refeição passaria de 50 para 60 escudos.

A CNS mantém as suas propostas, designadamente os aumentos salariais de 24,4 por cento, e a subida das diuturnidades respectivamente para 1200 e 100 escudos.

Reivindicações dos mineiros

Num cartaz editado e distribuído pela Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, os mineiros, que se contam em muitos casos entre os trabalhadores mais explorados do País, lutam por salário e demais regalias integrais e caso de acidente de trabalho ou doença profissional; aumento de subsídio de risco e pensidade; publicação imediata do regulamento de higiene e segurança das minas; aumento das pensões mínimas por doença profissional e acidentados de trabalho; actualização anual das pensões atendendo ao aumento do custo de vida; abasamento da idade mínima da reforma nas seguintes condições: (trabalhadores do interior, 50 anos de idade ou 20 anos de trabalho no interior da mina; trabalhadores do exterior, 55 anos de idade ou com 25 anos de mineiro); diminuição da jornada de trabalho (fundo da mina para 35 horas semanais, exterior para 40 horas semanais); institucionalização das comissões de higiene e segurança no trabalho; funcionamento efectivo dos serviços de medicina do trabalho.

Os mineiros rejeitam «qualquer imposição de tecto salarial, fixado directa ou indirectamente; a conciliação de classes defendida pelos divisionistas; aumento dos preços dos serviços médico-sociais».

Os mineiros apoiam o «caderno reivindicativo do sector e da CGTP-IN; os seus sindicatos, Federação e CGTP-IN nas lutas pela satisfação das suas reivindicações e dos demais trabalhadores».

Terra

MAP retira terras a seareiros de Ferreira

Os pequenos agricultores e seareiros que, no Alentejo e Ribatejo, receberam terras do Governo AD devem meditar no que recentemente se passou em Ferreira do Alentejo.

Foi na Herdade dos Gasparões, com 100 hectares, próximo da aldeia de Ronquinho, no concelho de Ferreira do Alentejo. Trabalhavam ali 18 seareiros e os seus familiares que habitam a aldeia. No tempo de António Barreto, a Cooperativa da Lagoa, à qual esta herdade pertencia, foi destruída por aquele ministro «socialista» a pretexto de

Em 14 do corrente, haverá um almoço na Estufa Fria e, no dia seguinte, uma manhã desportiva no Estádio Nacional.

A Comissão Organizadora considera as comemorações como jornadas de festa e de luta. A par do gozo pela nacionalização, quer-se sensibilizar

dos gestores “AD” no sentido de sabotarem a banca nacionalizada e facilitarem a ingerência do capitalismo internacional no nosso País”. Por um lado, esses gestores da banca nacionalizada desviam as remessas dos emigrantes dos seus circuitos normais, deixam de pôr ao

agricultores da região, foram avisados pelo MAP de que a referida terra vai ser entregue ao agrário, doutor Dias, veterinário de profissão.

Que meditem nisto todos os que receberam terras do Governo AD antes das eleições. Terras de que nunca viram o título de propriedade. Alguns, na altura, acreditaram que a intenção era boa. Estão-se a ver os resultados.

Que não se iludam os trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo. A intenção do Governo AD — com Sá

Carneiro e Freitas do Amaral, ou com Pinto Balsemão, com Casqueiro demitido da CAP, ou com Casqueiro novamente eleito para secretário-geral da CAP — é devolver as terras aos latifundiários. Com mais ou menos promessas eleitorais os esforços serão para que isso se concretize. O que é mais uma razão para que todos se unam na deusa da Reforma Agrária. Só com ela será possível os seareiros terem a sua terra para trabalhar e o desemprego desaparecer daqueles campos durante tantos anos martirizados por este flagelo.

Em Avis

Reserva restituída à UCP 1.º de Maio

Uma reserva foi restituída à UCP 1.º de Maio, em Avis. A herdade do Painho, ilegalmente entregue há cerca de um ano a duas agrárias, Lobélia e Mariana Barradas de Carvalho, regressou à posse da UCP por decisão do tribunal de Avis que despachou favoravelmente a providência cautelar pedida pela UCP 1.º de Maio.

O acto da entrega foi feito no local perante duas representantes do tribunal de Avis, os dirigentes da UCP, cerca de 200 trabalhadores daquela cooperativa e ainda uma força da GNR, requisitada pelo tribunal e que se deslocou em dois «jeeps».

Após a assinatura dos documentos — um «jeep» da cooperativa serviu de secretária — o presidente da UCP, José Luis, falou aos trabalhadores: «Ao trabalho, amigos!». Distribuíram-se tarefas: o gado que estava a mais noutras herdades seria transferido para

aquela, à noite era preciso ficar de guarda. As culturas que ainda for possível fazer neste ano agrícola vão começar de imediato.

A herdade estava abandonada. Assim o quiseram as agrárias que do MAP receberam aquela prenda. No processo de reserva que se tinha verificado praticaram-se todas as ilegalidades. Inclusive, uma decisão do Supremo Tribunal Administrativo não foi respeitada nem pelo MAP, nem pelas forças da GNR que na altura

acompanharam a entrega da reserva.

Essa decisão do STA mandava suspender a executividade da reserva, o que agora se verificou em virtude do tribunal de Avis ter despachado favoravelmente a providência cautelar pedida pela UCP 1.º de Maio. Continua, no entanto, o recurso interposto pela UCP ao Supremo. Mas o que agora se passou constitui motivo de alegria para os trabalhadores. Que a terra não deve estar abandonada quando milhares de pessoas não têm emprego.

E isto não inclui as despesas com factores de produção!

Entretanto, aumentam as adesões a esta jornada de protesto. Várias organizações agrícolas de diferentes regiões (Ligas, Federações, União de Agricultores, comissões, organizações de rendeiros e outros) deram já o seu apoio na deslocação a Lisboa, não para contestar o Governo, como o salientaram já dirigentes da CNA, mas para que os agricultores deixem de ser considerados filhos de segunda ou terceira.

Poder local

Escândalo em Aldeia SOS — não é verdade nem mentira antes pelo contrário...

O Conselho Directivo da Associação das Aldeias de Crianças SOS promoveu no passado dia 25 de Fevereiro, num luxuoso hotel da capital, uma conferência de imprensa em que pretendeu rebater as graves acusações que lhe têm sido feitas pela generalidade dos órgãos de comunicação social.

No comunicado lido aos jornalistas a Direcção nega a veracidade das acusações feitas (maus tratos às crianças, violação de correspondência, apropriação de objectos pessoais, retenção de 80% do salário dos jovens que trabalham, etc., e avanço no campo da especulação política, atribuindo ao «Avante!» sinistros objectivos.

É isto porque foi o «Avante!» o primeiro a trazer a público os protestos dos jovens da Aldeia de Bicesse (por sinal com uma foto errada, visto não se referir à dita Aldeia SOS), logo seguido aliás por muitos outros jornais de concepções políticas tão

diferentes que resulta caricato falar de «aproveitamento político». A menos que se entenda que existe qualquer semelhança, por vaga que seja, entre os interesses defendidos pelo Órgão Central do PCP e «O Dia» ou «A Tarde».

Lamentavelmente, o «Avante!» não foi convocado para a dita conferência de imprensa. Pelo que só podemos fazer uma apreciação do que se disse pelos relatos dos outros. Que curiosamente são quase unânimes em afirmar — de «diário» ao «Expresso» ou de «A Tarde» ao «Portugal Hoje», por exemplo — que o esclarecimento não esclareceu ninguém e muito menos convenceu quem quer que fosse.

Com efeito, ao mesmo tempo que se negaram «maus tratos» afirmou-se que «levantar as crianças pelas orelhas» é muitas vezes «um acto de amor»; enquanto se afirmou que a exigência de 80 por cento do salário era «mais outra

mentira», reconheceu-se que os jovens pagavam uma «pequena percentagem» que aumenta à medida que os jovens vão ganhando mais e quanto mais próxima está a sua saída da Aldeia; a correspondência que «não é violada» é no entanto «aberta para ser traduzida» (a que vem do estrangeiro) ou porque pode «afectar psicologicamente» as crianças; os casos de «fome» denunciados pelas próprias crianças não passaram de «quebras de tensão»; os depoimentos dos jovens à televisão são fruto de «imaginações prodigas».

Por detrás de toda a «imaginação», segundo a direcção da Aldeia, estará a acção de um indivíduo de nacionalidade alemã — o senhor Sieger — que se pretendia «assessorar-se da instituição». Como (já que não trabalha na Aldeia SOS) e para quê a Direcção não soube explicar.

Como não soube explicar qual a relação que poderia existir entre o tal senhor Sieger (a quem o «Tempo» faz um rasgado elogio na sua edição da semana passada) e o «Avante!», onde não passa de um ilustre desconhecido.

Sem pretender dar o assunto por encerrado, parece oportuno terminar avivando a memória dos que dizem que «até final de 80 a vida (da Aldeia) decorreu quase sempre com muita tranquilidade».

Terá sido mesmo «tranquilo» o ano de 1976? E então os protestos e reivindicações dos jovens e trabalhadores da Aldeia de Bicesse por melhores condições de vida e de trabalho?

E mais recentemente, no próprio ano de 1980, foi «tranquilo» a acção polémica com a Direcção da Aldeia SOS do Norte do País que acabou com a sua substituição passando para o controlo absoluto da Direcção de Lisboa?

Final quem luta «pelo poder»? Quem faz manipulação política para desviar as atenções dessa outra política interna?

Como se salienta num comunicado da Comissão Concelhia local do PCP, «não bastam declarações de boas intenções em vésperas de actos eleitorais apenas para caçar votos aos portugueses menos avisados». É preciso cumprí-las!

Eições suplementares

Mais de uma dezena de autarquias locais vão ter eleições suplementares nos próximos meses. Com excepção da Freguesia de Sta. Maria de Belém, no concelho de Lisboa, todas as restantes se situam em distritos do Norte. A característica comum a quase todos estes órgãos de poder local é que são compostos maioritariamente por forças de direita que, por incompetência, incapacidade, ilegalidades e compadrios chegaram a uma situação insustentável.

Os casos mais notórios são certamente os da Freguesia de Belém e das Câmaras de Murça e Nazaré. No primeiro, a maioria AD, a braços com o escândalo da Feira de Belém, paralisou completamente a Junta e Assembleia de Freguesia que não funcionam por os seus membros estarem demissionários sem que no entanto as demissões tenham sido legalmente formalizadas.

Na Câmara de Murça (Vila Real), o presidente eleito pelo PSD acusa os eleitos do CDS e PS (que se demitiram) de pretenderem com a realização de eleições esconder ilegalidades cometidas. Na Nazaré, o único caso de maioria PS, os socialistas pretendem novas eleições embora a sua ausência não retire quorum ao executivo.

Entretanto, em todos eles, enquanto as lutas internas pelo poder se acerram, as acusações de ilegalidades de parte a parte sobem de tom, os problemas das populações que os elegeram continuam por resolver.

Dia 16, em Lisboa

Agricultores de todo o país em jornada de protesto

São inúmeras, já, as adesões à «Jornada Nacional de Reclamação e Protesto da Lavoura Portuguesa», promovida pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e que no próximo dia 16 se realiza em Lisboa.

Tem esta jornada por objectivo a entrega às entidades governamentais competentes de «um Programa de Emergência para os problemas que hoje tanto afligem a lavoura».

É necessário, porque diversas vezes o repetimos, se toma enumerar os problemas

que juntamente com a seca e as geadas vieram pôr de rastos os agricultores (nomeadamente os pequenos e médios agricultores). Todos eles resultam da política que estes e os anteriores governos (mas as maiores culpas cabem sem dúvida à administração Sá Carneiro-Freitas do Amaral e à de Pinto Balsemão) seguiram no sector agrícola.

Em 1980, o rendimento dos agricultores baixou em relação ao ano anterior, isto apesar de 1980 ter sido um bom ano agrícola. Sobre este assunto

escrevia um quinzenário do Norte — «A Terra» — que se dedica a problemas da lavoura:

Efectivamente, enquanto os preços ao consumidor subiram uma média de 17 por cento no ano de 1980, os preços ao produtor para os produtos de origem vegetal desceram uma média que se estima de 15 a 17 por cento. Isto é, foram inferiores aos de 1979. O agricultor comprou tudo cada vez mais caro e vendeu os seus produtos mais baratos que em 1979.

SEMANA Internacional

25 Quarta-feira

O Parlamento espanhol confirma Calvo Sotelo no cargo de presidente do Conselho de Ministros, o qual anunciou que formará o novo Governo exclusivamente com personalidades ligadas ao seu partido, a UCD; entretanto o PCE, o PSOE, a UCD e o neo-franquista AP convocam para depois de amanhã uma manifestação conjunta de protesto contra o frustrado golpe fascista da passada segunda-feira. É revelado num programa da BBC que os serviços secretos britânicos (MI-5) infiltraram agentes nos principais meios de comunicação social britânica. Chega a Washington o primeiro-ministro para negociar com o presidente. A agência soviética TASS informa que o governo racista da África do Sul assinou um acordo com o governo fascista do Chile para o envio de mercenários chilenos para a Namíbia.

26 Quinta-feira

Robert White, penúltimo embaixador norte-americano em El Salvador, classifica de desastrosa a intensiva ajuda militar do governo dos EUA à junta fascista salvadorenha; entretanto, a própria agência "Associated Press", intimamente ligada ao Departamento de Estado, afirma que, por enquanto, o envio de "conselheiros militares" norte-americanos para El Salvador é minúsculo, comparado com o início da guerra do Vietname, mas já existem grandes semelhanças. Segundo a imprensa mexicana, Vernon Walters, ex-diretor adjunto da CIA, empreendeu uma viagem pela América Latina para negociar o envio de "forças inter-americanas de paz" para diversos países da zona. O Presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, afirma em Moscovo que o XXVI Congresso do PCUS dará incontestavelmente um novo impulso à luta de libertação dos povos oprimidos, que sempre beneficiaram do apoio energético da União Soviética, sublinhando que a Revolução angolana continua viva e o Povo da RP de Angola prossegue a via da edificação socialista, contando com o apoio dos países socialistas e de todas as forças progressistas e amantes da paz.

27 Sexta-feira

Mais de meio milhão de madrilenos desfilam pelas ruas de Madrid, a capital espanhola, gritando "o povo unido jamais será vencido", apesar de algumas horas antes do desfile começarem a serem rebentadas quatro bombas no percurso previsto, as quais foram reivindicadas pela organização fascista clandestina "Batalhão Basco Espanhol"; em toda a Espanha manifestaram-se nas ruas mais de três milhões de pessoas repudiando o fãlido golpe fascista da passada segunda-feira. O embaixador da República Popular de Angola em Lisboa, Adriano Sebastião, divulga o conteúdo de um comunicado do Ministério da Defesa angolano onde se denuncia que o regime racista sul-africano incrementou fortemente no mês de Fevereiro as suas acções armadas contra a República Popular de Angola, a partir do território ocupado da Namíbia, sendo de prever que aumentem de envergadura nos próximos dias as agressões racistas. O primeiro-ministro soviético, Nikolai Tikhonov, apresenta ao XXVI Congresso do PCUS o 11.º Plano Quinquenal da URSS que compreende os grandes objectivos e as metas propostas no âmbito do desenvolvimento social e económico do país para o período de 1981 a 1985 e até 1990.

28 Sábado

Em Espanha a "ETA-Político Militar" liberta os três consúles que mantinha sequestrados, anunciando que suspende a "luta armada". Utilizando o pretexto de El Salvador, o secretário de Estado norte-americano Alexander Haig ameaça Cuba com uma agressão directa; entretanto, o jornal soviético "Pravda" considera o relatório recentemente apresentado pelos EUA sobre El Salvador de ser uma compilação de baixo nível de conjuras e invenções anticomunistas; recorde-se que este mesmo relatório foi recentemente posto em dúvida pelo antigo embaixador dos EUA em El Salvador, Murat Williams, que afirmou ter havido sempre documentos a alegar "interferências externas" e que "os latino-americanos foram sempre muito bons a fabricar documentos" ou a adoptar os fabricados pela CIA. Margaret Thatcher, que se encontra em visita oficial aos EUA, afirma que discutirá com o presidente Reagan a possibilidade de unidades militares britânicas tomarem parte numa força "multinacional" de "estacionamento rápido" na região do Golfo Pérsico; a primeira-ministra britânica defendeu ainda, nesta sua visita, teses contra o desarmamento e aprovou os planos americanos de intervenção directa em El Salvador.

1 Domingo

Um grupo terrorista ataca uma patrulha da polícia nos arredores de Bilbao, no País Basco, ferindo três agentes e uma mulher que passava por acaso. O governo dos EUA informa o Congresso de que vai vender à Espanha 96 lançadores "Chaparral", dotados de 1760 mísseis; esta venda de armas, de valor quase inédito nas compras do Exército, coincide com a ofensiva lançada pelo partido governamental espanhol, a UCD, no sentido de acelerar o ingresso do país na NATO. O Comité Latino-Americano da Internacional Socialista pede ao antigo chanceler da TRF, Willy Brandt, que seja mediante entre o presidente Reagan, dos EUA, para uma "solução pacífica" do conflito salvadorenho. Os nove partidos políticos paquistaneses pertencentes ao Movimento para a Restauração da Democracia (MRD) apelam aos trabalhadores, professores, médicos e estudantes para levarem a cabo uma greve total amanhã; este apelo segue-se a cerca de um mês de agitação estudantil que provocou o encerramento dos colégios e das 89 principais universidades do país.

2 Segunda-feira

A "Amnistia Internacional" lança uma campanha a nível mundial com o intuito de persuadir a ditadura sul-coreana a pôr cobro às detenções políticas, tortura e julgamentos injustos no país. O secretário da Defesa dos EUA anuncia na TV que vai pedir ao Congresso que acrescente 33 mil milhões de dólares aos orçamentos militares de 1981/82, num aumento com as despesas militares jamais atingido em tempo de paz.

3 Terça-feira

Termina em Moscovo o XXVI Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS); Leonidas Brejnev foi reeleito secretário-geral e o novo CC do PCUS passa a ter 319 membros, mais 32 do que o anterior. Doze membros da ala direita do Partido Trabalhista Britânico anunciam a sua saída do partido e a constituição para breve de um grupo "social democrata" no parlamento. O autodenominado "Batalhão Basco Espanhol", organização terrorista de extrema-direita, reivindica o atentado que vitimou um operário, irmão de um vereador do Partido Nacional Basco.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Em 26 de Fevereiro de 1979 os racistas rodesianos efectuam pela primeira vez um criminoso "raid" aéreo contra a República Popular de Angola, bombardeando um campo de refugiados do Zimbábue que provocou 192 mortos e 987 feridos, 470 dos quais em estado grave.

Internacional

Povo espanhol exige democracia

Milhões de pessoas manifestaram, sexta-feira, em Espanha, o repúdio popular pelo fascismo. Um repúdio que já antes tinha contribuído, indirectamente, para o abortar da tentativa de golpe fascista. Simultaneamente, muitas — demasiadas — preocupações se evidenciam tendentes a reduzir a amplitude das implicações do golpe, cuja expressão visível não pode deixar de encobrir outros apoios.

Estas preocupações já vinham de trás. Nas vésperas do golpe, o contestado novo primeiro-ministro, Calvo Sotelo, afirmava já estar ultrapassada a fase de transição para a democracia... Simples ignorância da situação política espanhola, que não deixaria de ser estranha da parte de alguém que o partido governamental, a UCD, escolheu — contra as posições de todas as outras forças — para dirigir o novo governo? Ou temos que considerar que algo se pretende ocultar do povo espanhol — que de facto se tenta escamotear o perigo real do fascismo? As próprias manifestações

que mobilizaram toda a Espanha espelham essa dicotomia. A sua cabeça, aparentemente unidos no repúdio ao golpe fascista, estiveram representantes de todos os partidos espanhóis, sem excepção. Mas a grande massa que nelas participou gritou, como palavra de ordem dominante, um slogan que será sem dúvida pouco do agrado da direita também representada — formalmente — no desfile: «O povo unido já mais será vencido».

Não ao terrorismo

Na complexa situação espanhola, sobretudo agravada com o deflagrar do

golpe, um facto pode contribuir, realmente, para uma clarificação, retirando bases justificativas às intervenções dos ultras — a posição assumida pela ala político-militar da ETA, ao libertar os consúles sequestrados e responsabilizar-se pelo não recurso aos actos de violência, salvo situações excepcionais, como seria uma nova tentativa de golpe ou uma tentativa de fazer recuar o processo de autonomia no País Basco. Assim se goram velhas justificações para apelos a um «governo forte».

Inversamente, a posição da ala militar da ETA, que se remeteu a um silêncio significativo, voltando entretanto a acções terroristas, torna hoje particularmente clara a objectiva ligação entre o terrorismo e política de direita. De notar que a ala militar da ETA foi responsável pela maioria dos 110 assassinatos políticos verificados o ano passado no Norte de Espanha.

Esta acção da ala militar da ETA, bem se coaduna, mesmo que não de forma

orgânica, com o lançamento de bombas no percurso da manifestação de Madrid, por uma organização terrorista da extrema-direita. Ambas tentam conduzir, objectivamente a uma desmobilização popular, ambas constituindo eventual base que justifique outras intervenções da extrema-direita.

Encontrar poucos culpados — uma preocupação

Neste momento, os processos de prisão e saneamento são claramente restritivos. Regista-se a prisão e demissão de um punhado de militares, cuja implicação no golpe é indesejável: o general Milans del Bosch, o coronel da Guarda Civil, Manchado García, o governador militar da Corunha, general Luis Torres Rojas, o coronel José Ignacio San Martín López, chefe do Estado-Maior da divisão blindada «Brunete», o general Alfonso Armada Comyn, vice-chefe do Estado-Maior do Exército. E poucos mais.

A lista é restrita, e o futuro dirá que medidas irão ser tomadas. Os exemplos anteriores não dão quaisquer garantias de que se tenha a intenção de tocar seriamente o aparelho militar e de Estado legado pelo franquismo.

Uma outra faceta dos acontecimentos — aliás uma faceta não propriamente exclusiva de Espanha — surge também como preocupante. Há uma certa unanimidade em afirmar-se que a maior parte dos guardas civis agiu por mera disciplina. Se tudo quanto se empenhou no golpe tivesse saído à luz do dia, com as forças correspondentes a agir por disciplina, hoje

Solidariedade com o PCE

«Queridos camaradas: o Comité Central do Partido Comunista de Espanha agradece-vos as provas de solidariedade que nos haveis dado por motivo do fãlido golpe de Estado. Renovando o nosso sentimento de amizade, saudamos-vos fraternalmente» — afirma-se num telegrama enviado pelo Comité Central do Partido Comunista de Espanha ao Secretariado do CC do PCP, sexta-feira passada, na sequência dos contactos estabelecidos directamente pelo nosso Partido com o PCE durante os acontecimentos do dia 23 em Espanha.

No dia 24, o Secretariado do CC do PCP enviava ao Secretariado do CC do PCE o seguinte telegrama: «Queridos camaradas: Condenando acção fascista ontem deserdçada, expressamos aos comunistas, à classe operária, aos trabalhadores, às forças democráticas de Espanha a solidariedade fraternal dos comunistas portugueses. Na vossa luta pela defesa e consolidação das liberdades democráticas, contra a reacção e o fascismo, pelo progresso social, podeis estar certos de contar com a activa solidariedade dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal».

a Espanha provavelmente viveria o retorno ao fascismo. Porque o aparelho franquista se mantém de pé. Porque o fascismo está vivo.

O povo espanhol exige democracia

As grandiosas manifestações que encharam as ruas das cidades espanholas, exprimindo a vontade popular de não voltar para trás, não voltar para o fascismo, foram consideradas pela generalidade dos órgãos de informação espanhóis, como «o maior grito de Espanha pela liberdade e pela democracia». A manifestação realizada em Madrid, é apontada como a maior manifestação da História de Espanha. Esta grande afirmação da vontade popular bem justifica os

cuidados actuais da direita. Cuidados que se exprimem numa dupla direcção: circunscrever o mais possível as responsabilidades do golpe, mantendo assisr cabeças do fascismo em postos onde estejam operantes; surgir como uma direita civilizada, constitucionalista, enfim, democrática — a opção do «equilíbrio» — «Equilíbrio» entre os extremismos: o da direita, reduzido a pouco mais que os participantes evidentes no golpe abortado, o de «esquerda», amplamente justificado pela acção terrorista da ala militar da ETA.

Uma situação difícil, complexa, com uma única saída possível: a esboçada nas imensas manifestações de massas de sexta-feira, onde só formalmente, muito formalmente, essa direita «civilizada» esteve representada.



A administração Reagan não esconde o envio de «conselheiros» para El Salvador, embora diga que não são os mesmos, que não são da mesma «espécie» dos que foram batidos no Vietname

Contra a ingerência em Salvador

Nas últimas semanas cerca de uma centena de aviões norte-americanos transportaram para El Salvador armas, munições e carros de combate. Cerca de 800 fuzileiros americanos e 450 soldados israelitas, bem como destacamentos da antiga guarda civil de Somoza e mercenários venezuelanos foram acantonados numa antiga escola de Salvador. Mais 25 a 30 milhões de dólares em armas — é a perspectiva imediata do auxílio imperialista à Junta.

Apoio internacional a Angola!

Visita à comuna de Vissati

Nos primeiros dias de Janeiro estivemos em Vissati, comuna do município do Kuchi, Kuando-Kubango. Assistimos ao regressar das populações das matas. Entre elas antigos «sargentos» da UNITA. Chegavam todos num estado lastimável. As crianças com as redondas barrigas da subnutrição. As mães com os braços longos, os corpos só ossos de fome. Tinham nos olhos os tempos difíceis das matas.

Muitos tinham primos e familiares entre as FAPLA e eram eles próprios a preparar o primeiro funge de milho.

Os militantes do MPLA procuravam, com os fracos recursos alimentares existentes, dar-lhes uma refeição.

Os responsáveis da Educação inscreviam as crianças nos cursos primários. A população infantil aumenta tanto na comuna que os professores não têm mãos a medir. MPLA, professores, FAPLA, amam o povo vindo das matas como povo de Angola.

São nossos irmãos, damos-lhes de comer e ensino. Todos vão ser necessários à reconstrução nacional — diz-nos um soldado das FAPLA.

Fico comovido com o humanismo deste povo em armas contra os racistas sul-africanos. Sei como a instabilidade e a ameaça constante aos povoados, organizada pelos racistas sul-africanos, desloca muitos habitantes para as matas, com medo dos bombardeamentos e dos ataques. Caminham centenas de quilómetros, em busca

de paz, de um local tranquilo. Muitos morrem. Outros chegam às comunas como Vissati, com os olhos das privações.

Das matas vêm com eles os que enganados pela propaganda do imperialismo, pegaram em armas para combater o MPLA. Prometeram-lhes uma sociedade utópica, sem luta nem contradições, uma sociedade como uma perdiz assada caída do céu. Descobrem que é o MPLA que lhes diz a verdade. O socialismo cria-se lutando contra as dificuldades, contra as contradições existentes na própria sociedade. O melhor coexiste com o pior. O pior coexiste com o melhor.

Os olhos das crianças vindas das matas contemplam cheios de curiosidade os pioneiros de Vissati com os seus livros de estudo. Os olhos dos homens vindos das matas espantam-se com as brigadas sanitárias e de alfabetização, a urgência de produzir da comuna de Vissati. As mulheres destroem a indecisão e procuram conversar com as companheiras da OMA, com as suas camilhões sobre o Congresso Extraordinário. Todos se unem, cheios de confiança, à volta do MPLA — Partido do Trabalho.

Internacionalmente começam a organizar-se campanhas de apoio a estas populações. A solidariedade com o povo da Namíbia e do Kuando Kubango e Cunene, que mais sofre os efeitos de guerra, é cada vez maior em

tudo o mundo. Apelamos para o apoio a estas populações castigadas pela guerra. São necessários medicamentos, médicos, professores, alimentos básicos.

No Kuando Kubango está uma das grandes frentes de batalha contra o racismo sul-africano e o subdesenvolvimento. É necessário reforçar esta luta. Na Europa, onde se fãem distantes relatos de guerra, tem-se uma ideia pouco clara das dificuldades. A guerra vê-se apenas como o dia das incursões e das batalhas. Os mortos, os feridos. As casas, os tanques ou os aviões destruídos. Mas a guerra é também este pasmo invadido pelos mosquitos dos pântanos. A guerra é esta fome longa, privações inchando a barriga das crianças. A guerra é esta morte precoce. A guerra são estas noites de insónia por não conseguir resolver, de imediato, os problemas do povo. A guerra é a falta de medicamentos e a tortura de não encontrar os dias calmos da paz para produzir proteínas. Contra esta guerra a solidariedade é fácil para as populações europeias. Cadernos e lápis para criar sorrisos nas crianças de Vissati. Medicamentos. Sementes para aumentar a produção agrícola. Se cada povo europeu escolher uma comuna do Kuando Kubango ou do Cunene para apoiar, a vida vai sorrir novamente para muitas crianças das zonas mais devastadas. Comecemos por Vissati. — J.J. Louro

Movimento comunista

Mongólia comemora duas datas históricas

A Mongólia comemora este ano duas datas históricas, que determinaram a realidade actual do país. No dia 1 de Março foi fundado, há 60 anos, o Partido Popular Revolucionário Mongol (PPRM), que hoje conta com cerca de 70 000 membros. Depois de uma luta simultaneamente contra o regime feudal e o domínio estrangeiro, durante séculos chinês, a que se somaram, em 1920, as ameaças do Japão, e com a ajuda do Exército Vermelho, a revolução triunfou em 11 de Julho de 1921.

A História da Mongólia independente e revolucionária, é assim, em grande medida, também a história do Partido Popular Revolucionário da Mongólia.

O Partido dirigiu a revolução popular de 1921, parte integrante do processo

revolucionário mundial. A importância mundial da experiência histórica do PPRM reside na concretização da possibilidade avançada teoricamente por Lênine, da passagem directa de países atrasados ao socialismo, evitando a etapa do capitalismo.

Na complexa luta de classes e no imenso trabalho de construção da etapa democrática e popular da revolução (1921-1940), o Partido ampliou-se e reforçou-se tanto no plano organizativo como ideológico.

Depois desta fase a revolução enfrentou uma nova etapa — a da edificação do socialismo, de que as principais linhas de orientação foram fixadas no terceiro Programa do Partido adoptado em 1940 no 10.º

Congresso do PPRM. Esta etapa caracterizou-se por progressos sensíveis na indústria. Simultaneamente foram entregues às cooperativas agrícolas a quase totalidade das terras aráveis.

O fim do período de transição, em que foram lançadas as bases do socialismo, abriu caminho a uma nova etapa da evolução do país: o completar da construção do socialismo. No quarto programa do Partido ratificado pelo 15.º Congresso do PPRM em 1966, é considerada tarefa essencial desta fase: «desenvolver por todos os meios as forças produtivas da sociedade socialista na base das realizações científicas e técnicas, assegurar ritmos elevados de crescimento económico do país e a elevação do nível da cultura socialista, aperfeiçoar as relações sociais



socialistas, melhorar a educação comunista dos trabalhadores e elevar constantemente, nesta base, o bem-estar material e o nível cultural do povo».

Este o imenso caminho percorrido nos 60 anos que agora se comemora por toda a Mongólia.

Da Idade Média para o socialismo

A Mongólia constitui o mais saliente exemplo de como o socialismo — e só com o socialismo — é possível dar o imenso salto histórico de uma sociedade medieval para o pleno florescimento de todas as potencialidades de um povo e de um país.

Aguns números ilustram esta realidade:

- Actualmente a indústria da República Popular da Mongólia fornece em 14 dias os mesmos produtos que em todo o ano de 1940;
- Em 1980 a Mongólia produziu quase 70 vezes mais energia eléctrica e 20 vezes mais carvão que em 1940;
- O país detém um dos primeiros lugares no mundo pela quantidade de gado e pela produção de carne por habitante;
- Têm-se registado grandes sucessos no domínio cultural, do ensino e da saúde pública. Um quarto da população frequenta estabelecimentos de ensino;
- Mais de 360 palácios de cultura e clubes, 12 teatros, 440 bibliotecas estão quotidianamente ao serviço da população;
- A Mongólia conta com 22 médicos e 120 leitos de hospital por cada 10 000 habitantes.

Mensagem do PCP

Por ocasião do 60.º aniversário do Partido Popular Revolucionário Mongol, o CC do PCP enviou ao CC do PPRM uma mensagem em que, nomeadamente, se afirma:

«O PCP, como vós, regozija-se pelas vitórias alcançadas pelo povo trabalhador mongol, sob a direcção da sua vanguarda revolucionária, desde a revolução popular de 1921, que pôs fim ao jugo colonial e feudal e abriu à Mongólia o caminho da liberdade, da independência nacional, do progresso social e do socialismo».

«A experiência do processo revolucionário na Mongólia encerra ensinamentos de valor universal para todo o movimento comunista e revolucionário mundial, confirmando a tese de Lênine da possibilidade para os países atrasados passarem directamente ao socialismo evitando o capitalismo. As gigantescas realizações materiais e espirituais do povo mongol ao longo destes últimos 60 anos mostram que a defesa da independência nacional e o avanço pelo caminho do progresso social são inseparáveis da existência de um partido revolucionário marxista-leninista, da realização de profundas transformações económicas e sociais, da amizade, cooperação e solidariedade com a URSS e os outros países da comunidade socialista e do movimento comunista internacional».

Solidariedade

Marrocos — Foi suspenso «sine die», desde 18 de Fevereiro, o órgão central dos comunistas marroquinos, «Al Bayane». A Comissão Política do Partido do Progresso e do Socialismo protestou vigorosamente contra esta medida de suspensão do jornal do partido, que constituiu um golpe contra a liberdade de opinião e de expressão.

Argentina — Registam-se na Argentina sintomas de agravamento da repressão. Há poucas semanas foi suspenso pelo Ministério do Interior a circulação dos jornais «Informe» e «Imagem». Face à proibição da actividade dos partidos políticos, estes jornais reflectem a opinião dos comunistas argentinos e da juventude comunista, sobre os acontecimentos nacionais e internacionais.

Neste fim-de-semana foram presas várias personalidades ligadas ao movimento de defesa dos direitos do homem.

Perante mais esta escalada repressiva, erguem-se protestos generalizados contra os atentados por parte do governo aos mais elementares direitos democráticos. Entretanto apareceu em Buenos Aires o primeiro número de um novo semanário — «Que Pasa» —, que afirma ter como objectivo «contribuir para a necessária convergência de vontades para estabelecer um Estado de direito e uma política económica e social realmente nacional e popular».

Terminou o XXVI Congresso do PCUS Intensificar o desenvolvimento económico e social



Terminaram em Moscovo os trabalhos do 26.º Congresso do PCUS. O Congresso reuniu representantes das 66 nações e nacionalidades da União Soviética e 123 delegações de partidos comunistas e operários e democráticos nacionais representando 109 países de todos os continentes. O vincado cunho de classe e o seu carácter democrático caracterizaram todo o Congresso, não só nestes poucos dias, como no período da sua preparação. 1370 delegados dos cerca de 500 presentes eram operários e 877 camponeses. Os trabalhos preparatórios incluíram reuniões de renovação de mandatos em todas as 414 mil organizações de base e nas 475 mil organizações de oficinas, empresas, fábricas, kolchozes, sovkhoses e escritórios. O principal documento votado — «As grandes opções do desenvolvimento económico e social da URSS para 1981-1985, e para o período até

1990», foi submetido a um debate aberto em que mais de 120 milhões de soviéticos participaram com as suas opiniões e propostas. Aprovadas as grandes opções para o desenvolvimento económico e social da União Soviética, foi decidido confiar ao Conselho de Ministros da URSS elaborar o plano quinquenal e os planos anuais, para cada ministério, departamento e República, e apresentá-

-lo ao Soviete Supremo da URSS até Outubro. Um trabalho a ser feito tomando em conta as propostas feitas no próprio Congresso e nos congressos das Repúblicas, nas conferências territoriais e regionais do PCUS, nas reuniões de militantes e dos colectivos de trabalhadores, assim como as sugestões avançadas na imprensa e nas cartas de operários, kolchozianos, especialistas e cientistas.

A realização do plano de desenvolvimento económico e social do país foi considerada

a mais importante tarefa económica e política para as organizações do Partido, dos soviéticos, dos sindicatos, do Konsomol e dos organismos económicos.



Tribuna internacionalista ao serviço da paz

Um Congresso do PCUS não diz respeito apenas ao povo soviético. Diz também respeito a todos os povos — como elemento activo que é na cena política internacional; como tribuna onde se ouvem as vozes dos partidos comunistas e operários, das forças de libertação de todo o mundo; e ainda como factor de intervenção directa na batalha fulcral do nosso tempo, a batalha pela paz.

Isso mesmo foi uma vez mais reafirmado em Moscovo, neste 26.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Pelos delegados e representantes de vários países que subiram à tribuna, pelos problemas ventilados, pelo novo conjunto de propostas de paz avançadas no relatório do CC do PCUS apresentado por Brejnev ao Congresso e a todos os povos do mundo.

Reafirmando na prática o princípio da solidariedade como uma das bases fundamentais da política externa soviética, o primeiro entre os delegados estrangeiros a intervir foi Fidel Castro. O dirigente da primeira revolução socialista no continente latino-americano e no hemisfério sul, o dirigente de um país socialista que o imperialismo hoje pretende uma vez mais colocar na mira das suas provocações e ameaças, de um país que se insere num dos continentes onde é mais forte o impulso revolucionário das massas populares e, paralelamente, se salientam as pretensões do imperialismo a sulcar esse impulso, passando por cima de todas as normas internacionais, do legítimo direito dos povos a escolherem o seu destino, e até da preservação da paz.

Como destacou Fidel Castro na tribuna, o país mais influente do mundo capitalista «gritando a intervenção como espectro, ameaça em primeiro lugar os patriotas de El Salvador e Guatemala com sinistros planos agressivos e armadas nações-governos sanguinários, verdadeiramente genocidas». Em síntese, os imperialistas tentam aniquilar o labor de todos

os governos que falam com a sua própria voz e pretendem oferecer uma vida melhor para os seus povos.

Esta política do imperialismo não se aplica unicamente perto das suas fronteiras. Como denunciou o dirigente da FRELIMO, Marcelino dos Santos, a construção do socialismo em Moçambique é a causa real das agressões sul-africanas, o que entretanto não impede o povo de Moçambique, como os outros povos, de avançar. «Não nos farão recuar no caminho que escolhemos e trilhamos», afirmou Marcelino dos Santos, que garantiu também que «Moçambique socialista permanecerá bastião seguro da luta de libertação dos povos da África Austral».

A denúncia da política do imperialismo, contraposta à afirmação da vontade dos

povos, da solidariedade mútua, em particular por parte da URSS, foi tónica do Congresso.

Na sua intervenção, o secretário-geral do Congresso Nacional Africano da África do Sul, denunciou: «O terrorismo faz parte da política das forças mais agressivas do imperialismo, e são elas que apoiam os regimes reaccionários e terroristas na América Latina, no Médio Oriente e na África Austral».

Luís Corvalan, secretário-geral do Partido Comunista do Chile referiu, por seu lado, que «todas as ameaças do imperialismo, camufladas pela campanha anti-soviética, são dirigidas contra a comunidade socialista e progressista bem como contra os movimentos de libertação nacional, da Ásia, da África e da América Latina».

O carácter internacionalista e interveniente do Congresso

esteve sempre presente ao longo dos trabalhos.

Carlos Nunez Telles, presidente do Conselho de Estado da Nicarágua, denunciou: «Com ameaças de diverso tipo, os meios reaccionários tentam impedir o prosseguimento da nossa revolução e, ao mesmo tempo, tentam evitar que o nosso exemplo se expanda a outros povos e países que aspiram à liberdade, à independência, à libertação definitiva».

A realidade polaca foi analisada no Congresso, na exposição de Stanislaw Kania, primeiro secretário do Partido Operário Unificado Polaco, que afirmou: «Queremos garantir a todos os nossos aliados que possuímos suficiente vontade e força para contrariar a contra-revolução na Polónia», destacando ainda que «a comunidade socialista

é indefectível e a sua defesa é um assunto que diz respeito não apenas a cada Estado, mas a toda a comunidade socialista».

Em nome da Organização de Libertação da Palestina e do povo palestino, Yasser Arafat elogiou o relatório do CC do PCUS «pela posição face ao Médio Oriente e ao problema palestino».

A intenção fascista espanhola foi igualmente acompanhada em Moscovo, tendo o PCUS afirmado em declaração que «a luta contra o fascismo foi e continua a ser uma coisa sagrada para os comunistas soviéticos, para todo o povo soviético».

O Congresso constituiu, indiscutivelmente, uma tribuna das mais responsáveis vozes de cada povo, dos múltiplos problemas internacionais e da actualidade viva que constitui o nosso quotidiano.

Eleição dos órgãos do Comité Central

Na sua primeira reunião após a sua eleição pelo 26.º Congresso do PCUS, o Comité Central reelegeu unanimemente como seu Secretário-Geral, Leonid Brejnev.

Como membros titulares do «Bureau» Político, foram escolhidos além de Leonid Brejnev, Yuri Andropov, M. S. Gorbachev, Victor Gurichine, Andrei Gromyko, A. Kirilenko, D. Kunaiev, A. Pelche, G. Romanov, Mikhail Suslov, Nikolai Tikhonov, D. Ustinov, K. Tchernenko, V. Tchcherbitski.

G. Aliev, P. Demitchev, I. Kisselev, V. Kuznetsov, Boris Ponomarev, Chanf Rachidov, M. S. Solomentsev, E. A. Chevazmadze foram eleitos membros suplentes, do «Bureau» Político.

Como secretários do Comité Central foram escolhidos Leonid Brejnev, Mikhail Suslov, A. Kirilenko, K. Tchernenko, M. Gorbachev, Boris Ponomarev, I. Kapitonov, V. Dolgikh, M. Zimianin, K. Rousakov.

A. Pelche foi confirmado como Presidente da Comissão de Controlo do Partido.

Para a presidência da Comissão Central da Revisão foi eleito G. F. Sizov.



Delegados aplaudem a intervenção do camarada Brejnev

Intervenção de Álvaro Cunhal na tribuna do Congresso

Queridas camaradas:

Em nome do Partido Comunista Português transmitimos fraternais e calorosas saudações ao 26.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética e, por intermédio dos delegados ao Congresso, a todos os comunistas e ao povo da União Soviética.

Pelas suas realizações, pelas suas experiências, pela sua fidelidade ao internacionalismo proletário, pelo seu papel na defesa da paz mundial, a URSS é o mais poderoso e influente baluarte da causa universal dos trabalhadores e dos povos. Os êxitos do PCUS e da URSS não são apenas do interesse do povo soviético. São do interesse de toda a Humanidade.

Hoje como sempre, as forças reaccionárias exercem intensa pressão para que os partidos comunistas quebrem ou enfraqueçam os laços de amizade fraternal com o PCUS e com o povo soviético.

Segundo a propaganda reaccionária, a independência de um partido só se afirma marcando distâncias em relação à União Soviética. Pensamos de forma diferente. O nosso Partido dá a melhor prova da sua independência — independência de classe, independência ideológica, independência nas decisões que toma com total soberania —, procurando sempre reforçar os seus laços de fraternal cooperação com o PCUS, assim como com todas as outras forças revolucionárias do mundo.

Somos e seremos sempre activamente solidários (em particular nos momentos difíceis) para com os partidos irmãos, para com os povos que escolhem o socialismo e o comunismo, para os que escolhem o caminho da independência e do progresso social. Somos solidários para com os comunistas polacos e o povo polaco com a certeza no futuro da Polónia Socialista. Para com a Revolução Africana e para com o Kampuchea Popular. Para com os povos de Angola e Moçambique vítimas de agressões armadas dos racistas da África do Sul. Para com o povo da Namíbia. Para com o povo palestino. Para com o povo de El Salvador e para com os outros povos da América Latina vítimas de cruéis ditaduras apoiadas pelo imperialismo norte-americano.

A solidariedade recíproca entre as forças revolucionárias e a sua actuação comum é um imperativo da época que vivemos e da actual conjuntura internacional.

Nós, os comunistas portugueses, consideramos nosso dever contribuir na medida das nossas possibilidades para a unidade do movimento comunista e das forças anti-imperialistas.

O internacionalismo proletário não contradiz, antes reforça, o nosso patriotismo, a nossa inteira dedicação aos interesses do nosso Povo e da nossa Pátria. Patriotas que somos, consagramos as nossas energias (e esse é o nosso dever capital) à luta para assegurarmos ao Povo português o caminho da liberdade, da democracia, da independência nacional, da paz e do socialismo.

A situação em Portugal permanece complexa e perigosa. A luta continua para travar e finalmente derrotar a ofensiva contra-revolucionária que, há cinco anos, sucessivos governos conduzem contra as conquistas da Revolução Portuguesa. Contra as liberdades. Contra os direitos dos trabalhadores. Contra as nacionalizações que liquidaram os grupos monopolistas. Contra a Reforma Agrária através de verdadeiras expedições armadas para roubar terras, gados, máquinas, colheitas, instalações.

Entretanto o movimento operário e popular resiste firmemente. Até hoje os governos não conseguiram reprivatizar uma única empresa nacionalizada. E na Reforma Agrária os trabalhadores, confiantes na vitória final, mantêm ainda em actividade mais de 400 unidades colectivas de produção.

Não, camaradas. A Revolução Portuguesa não está morta. Continua viva e bem viva na realidade do nosso país e na determinação do povo de defendê-la.

Recentemente, com a derrota do candidato da reacção nas eleições presidenciais, foi impedida a conquista total do poder pelas forças reaccionárias. A reeleição, com os votos socialistas e comunistas, do Presidente da República cessante, general Eanes, ferozmente combatido por toda a direita e pelo secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, significou o afastamento de um perigo iminente para a democracia, o reforço do regime e a criação de novas possibilidades de luta para o Povo português.

Entretanto, a situação continua a ser instável. As transformações revolucionárias em Portugal tiveram lugar e foram defendidas até hoje graças à acção das massas populares, sem o Poder político e contra o Poder político.

Uma tal situação não se pode prolongar indefinidamente.

Por isso o PCP luta pela unidade de todas as forças democráticas, para a demissão do governo reaccionário, para a formação de um governo democrático que adopte uma política interna baseada nas conquistas da Revolução e uma política externa de amizade e cooperação com todos os povos do mundo.

A batalha é difícil. Mas o movimento operário e popular tem muita força. Conta com uma poderosa Central Sindical. Conta com dinâmicos movimentos camponeses. Conta com movimentos de mulheres e da juventude. A luta é intensa e massiva. Estamos certos, camaradas, de que a vitória será do nosso povo, será do Portugal de Abril.

Alguns críticos repetidas vezes anunciaram que a política de princípios e as posições de classe do nosso Partido, o empenhamento total na luta que levou às grandes conquistas da revolução e na sua defesa posterior, a nossa reafirmação marxista-leninista que habilita o nosso Partido à definição criadora de soluções correspondentes às características específicas da nossa realidade nacional, à nossa conduta internacionalista, a nossa resistência às pressões ideológicas dos inimigos e dos aliados, levariam a curto prazo o nosso Partido à diminuição dos seus efectivos e da sua influência.

A realidade mostrou precisamente o contrário. Em 1975, no momento mais alto do fluxo revolucionário, o nosso Partido tinha 100 000 membros. No apuramento realizado em Junho de 1980 estavam inscritos 187 000 membros, além de 36 000 jovens comunistas. E os efectivos continuam a crescer.

A nossa experiência mostra que uma política revolucionária, patriótica e internacionalista constitui a base mais sólida para a formação de um partido de massas, um partido com uma unidade sem brechas, um partido necessário, indispensável e insubstituível na vida nacional, o Partido da verdade, da esperança e do futuro.

Uma vez mais, queridos camaradas, sinceros votos para o total sucesso dos trabalhos do 26.º Congresso.

Viva o Partido Comunista da União Soviética!
Viva o internacionalismo proletário!



O secretário-geral do PCP alvo da atenção dos delegados

«A construção da sociedade comunista não interessa só ao povo soviético»

— declarou Álvaro Cunhal aos jornalistas

«O Congresso do Partido Comunista da União Soviética é muito importante, não só para o povo soviético, mas para todo o mundo. Um Partido que, como o PCUS, dirige um grande país, tem necessariamente marcada influência sobre os acontecimentos mundiais, quer pela sua política interna, quer pela sua política externa de paz, com grandes repercussões a nível internacional» — afirmou Álvaro Cunhal no regresso de Moscovo da delegação do PCP ao 26.º Congresso do PCUS.

Realçando a importância do Congresso, o camarada Álvaro Cunhal afirmou depois aos jornalistas que o aguardavam no aeroporto: «Quero salientar dois aspectos fundamentais: a política interna, e a política externa do PCUS».

No plano da política interna, não só foi feito um balanço das realizações dos últimos anos e do cumprimento das tarefas decididas no 25.º Congresso, como a análise a todos os problemas sectoriais, de desenvolvimento económico, científico, cultural, problemas sociais e nacionais e o complexo e exaltante problema da formação do homem novo.

O Informe do CC, do camarada Brejnev, documento

extraordinariamente sintético mas que consegue dar a imagem real da vida soviética e da actividade do PCUS, constitui uma apreciação elaborada do que se fez, examina criteriosamente o trabalho realizado, traça perspectivas históricas para o futuro e examina problemas práticos com elevado nível ideológico.

A construção da sociedade comunista, não interessa apenas ao povo soviético. Pelas suas realizações e experiências, por tudo o que a União Soviética representa, é do interesse de todos os trabalhadores e países.

No que respeita à política externa, podemos considerar dois aspectos, inter-

-relacionados: a posição da União Soviética e do PCUS para com os países socialistas, os partidos comunistas e operários, as forças de libertação nacional, e a política externa do Estado soviético, na qual avultam agora as propostas de paz, apresentadas pelo CC do PCUS. Há que sublinhar que o próprio Congresso constitui uma afirmação dessas mesmas propostas, como toda a acção do povo soviético. A luta pela paz é hoje a tarefa essencial e a defesa da paz o eixo condutor da política externa soviética.

As propostas de paz agora apresentadas constituem só por si um contributo importante para o desanuviamento, a interrupção da guerra-fria, da corrida aos armamentos, a defesa da paz. A concretização das propostas representaria, ou representará, uma viragem na situação internacional no sentido da segurança e da cooperação, da amizade entre os povos, da paz mundial.

Em Moscovo o camarada Álvaro Cunhal teve encontros com as delegações de todos os países africanos que se libertaram do domínio colonial português. O número

e o nível das delegações presentes no Congresso permitiu múltiplos e esclarecedores contactos.

Álvaro Cunhal esteve também no centro de imprensa do 26.º Congresso do PCUS, onde respondeu às perguntas de dezenas de correspondentes de jornais e cadeias de rádio e televisão. A questão central: a vitalidade da revolução portuguesa — o que atesta da importância e do interesse internacional pelo processo revolucionário em Portugal.

A sua chegada ao nosso país, Álvaro Cunhal reafirmou essa vitalidade do processo revolucionário português, declarando:

«A revolução portuguesa está viva. Viva em dois aspectos:

Na nova realidade criada pelo 25 de Abril. Os sucessivos governos reaccionários não conseguiram destruir essas realidades — as nacionalizações, a Reforma Agrária, os direitos dos trabalhadores, as liberdades.

Viva também na vontade, na determinação dos trabalhadores de defenderem as conquistas democráticas e assegurar a continuidade do regime democrático.